



**UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA**

Psicopatia e Gestão de Conflitos: Dinâmicas Interpessoais num Estudo Quantitativo com Adultos Portugueses

[Psychopathy and Conflict Management: Interpersonal Dynamics in a Quantitative Study with Portuguese Adults]

Dissertação de Mestrado

2º Ciclo de Estudos em Psicologia Clínica e da Saúde

Iara Beatriz Fernandes Fonseca

Orientadores:

Professor Doutor Pedro Cunha

Professora Doutora Carla Fonte

Junho, 2026



**UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA**

Psicopatia e Gestão de Conflitos: Dinâmicas Interpessoais num Estudo Quantitativo com Adultos Portugueses

[Psychopathy and Conflict Management: Interpersonal Dynamics in a Quantitative
Study with Portuguese Adults]

Dissertação de Mestrado

2º Ciclo de Estudos em Psicologia Clínica e da Saúde

Iara Beatriz Fernandes Fonseca

Orientadores:

Professor Doutor Pedro Cunha

Professora Doutora Carla Fonte

Junho, 2026

Agradecimentos

Chegar ao fim desta etapa representa muito mais do que concluir um percurso académico.

Representa o resultado de um percurso feito de esforço, aprendizagem, dúvidas, superações e, sobretudo, de muitas pessoas que, de diferentes formas, estiveram presentes ao longo deste caminho.

Em primeiro lugar, expresso o meu profundo agradecimento ao Professor Doutor Pedro Cunha, orientador desta dissertação, pela disponibilidade, pelo rigor científico, pela orientação atenta e pelo incentivo constante ao longo de todo o processo. A sua exigência, dedicação e apoio foram essenciais para a concretização deste trabalho.

À Professora Doutora Carla Fonte, coorientadora desta dissertação, deixo igualmente o meu sincero agradecimento, pela preciosa ajuda, pelas sugestões sempre pertinentes, pela paciência e pela presença ao longo de cada etapa. O seu contributo foi fundamental para o enriquecimento deste estudo.

Aos meus pais, agradeço de forma muito especial por todo o amor, apoio incondicional, compreensão e confiança. Foram o meu porto seguro em todos os momentos, os que mais me incentivaram a continuar, mesmo nos dias mais difíceis, e aqueles a quem devo muito do que sou hoje.

Aos meus irmãos, deixo um agradecimento muito especial, por serem uma presença constante e por me acompanharem nesta caminhada com carinho, força e sentido de humor. A vossa companhia, apoio e cumplicidade tornaram este percurso mais leve, mais seguro e muito mais feliz. Cada um de vocês, à sua maneira, teve um papel importante nesta fase tão marcante da minha vida.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico, deixo também um sincero agradecimento, pelo conhecimento transmitido, pela exigência, pela inspiração e por contribuírem para a minha formação pessoal e profissional ao longo deste curso.

Aos meus amigos que levo para a vida, agradeço pelos momentos partilhados, pelas conversas, pela ajuda e por toda a companhia ao longo desta etapa. Cada um, à sua maneira, tornou este percurso mais humano, mais leve e mais memorável.

À Jéssica, um agradecimento especial pela amizade, pela presença constante e por nunca me deixar esquecer o valor de continuar, mesmo nos momentos mais desafiantes. O teu apoio teve um significado muito especial ao longo desta caminhada.

A todos os participantes deste estudo, expresso a minha profunda gratidão pela disponibilidade, colaboração e tempo dispensado. Sem a vossa participação, esta investigação não teria sido possível.

Por fim, a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização desta dissertação, deixo o meu mais sincero agradecimento.

Resumo

A psicopatia tem sido tradicionalmente associada a contextos criminais e forenses; porém, a investigação contemporânea tem evidenciado que os traços psicopáticos também se manifestam de forma subclínica na população geral, com impacto interpessoal, emocional e relacional. A gestão de conflitos constitui uma dimensão central das relações humanas, influenciada por características individuais, como traços de personalidade, empatia, regulação emocional e orientação interpessoal. A relação entre psicopatia e gestão de conflitos assume relevância para a Psicologia Clínica e da Saúde, ao permitir compreender dinâmicas interpessoais menos cooperativas e fatores associados ao bem-estar psicológico.

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito em adultos da população portuguesa. Foi realizado um estudo quantitativo, descritivo e transversal, com 724 participantes portugueses, entre os 18 e os 82 anos ($M = 37,04$; $DP = 14,91$). A recolha de dados decorreu online, mediante consentimento informado, com recurso a um questionário sociodemográfico, à Self-Report Psychopathy Scale III (SRP-III) e ao Rahim Organizational Conflict Inventory-II (ROCI-II).

Os resultados evidenciaram menor expressão do Comportamento Antissocial, coerente com a natureza comunitária e não forense da amostra, sugerindo uma manifestação mais subtil dos traços psicopáticos. Na gestão de conflito, verificou-se maior utilização da Integração, indicando tendência para respostas cooperativas. Contudo, níveis mais elevados de traços psicopáticos associaram-se a menor utilização da Integração e do Compromisso, e a maior recurso à Dominação. As regressões destacaram a Manipulação Interpessoal como preditor positivo da Dominação e negativo da Integração, enquanto a Insensibilidade Afetiva se associou negativamente a estilos que implicam cedência, compromisso ou afastamento do confronto.

A presente investigação contribuiu para aprofundar a compreensão da psicopatia em contexto não forense, ao sublinhar a importância de competências socioemocionais, comunicacionais e relacionais na compreensão e prevenção de dinâmicas interpessoais disfuncionais.

Palavras-chave: psicopatia; gestão de conflitos; estilos de gestão conflito; adultos portugueses; SRP-III; ROCI-II.

Abstract

Psychopathy has traditionally been associated with criminal and forensic contexts; however, contemporary research has shown that psychopathic traits may also manifest subclinically in the general population, with interpersonal, emotional, and relational impact. Conflict management constitutes a central dimension of human relationships, influenced by individual characteristics such as personality traits, empathy, emotional regulation, and interpersonal orientation. The relationship between psychopathy and conflict management is therefore relevant to Clinical and Health Psychology, as it allows for a better understanding of less cooperative interpersonal dynamics and factors associated with psychological well-being.

The present study aimed to analyse the relationship between the dimensions of psychopathy and conflict management styles in adults from the Portuguese population. A quantitative, descriptive, and cross-sectional study was conducted with 724 Portuguese participants, aged between 18 and 82 years ($M = 37.04$; $SD = 14.91$). Data were collected online, following informed consent, using a sociodemographic questionnaire, the Self-Report Psychopathy Scale III (SRP-III), and the Rahim Organizational Conflict Inventory-II (ROCI-II).

The results showed lower expression of Antisocial Behaviour, consistent with the community-based and non-forensic nature of the sample, suggesting a more subtle manifestation of psychopathic traits. Regarding conflict management, Integrating was the most frequently used style, indicating a tendency towards cooperative responses. However, higher levels of psychopathic traits were associated with lower use of Integrating and Compromising, and greater use of Dominating. Regression analyses further highlighted Interpersonal Manipulation as a positive predictor of Dominating and a negative predictor of Integrating, while Callous Affect was negatively associated with styles involving yielding, compromise, or withdrawal from confrontation.

The present study contributed to deepening the understanding of psychopathy in a non-forensic context by highlighting the importance of socio-emotional, communicational, and relational skills in the understanding and prevention of dysfunctional interpersonal dynamics.

Keywords: psychopathy; conflict management; conflict management styles; Portuguese adults; SRP-III; ROCI-II.

Índice Geral

Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice de Tabelas	ix
Índice de Abreviaturas.....	x
Introdução	1
Parte I.....	2
Enquadramento Teórico	2
Capítulo I – Psicopatia e Gestão de Conflitos	3
1.1. A Psicopatia: conceptualização e dimensões	4
1.1.1. Evolução histórica e conceptual.....	4
1.1.2. Modelos teóricos atuais	7
1.1.3. Psicopatia subclínica e psicopatas socialmente integrados	9
1.1.4. Dimensões emocionais e cognitivas.....	12
1.2. A Gestão de Conflitos: conceptualização e modelos teóricos	15
1.2.1. Definição e natureza do conflito	15
1.2.2. Modelos de gestão de conflitos.....	18
1.2.3. Fatores individuais na gestão de conflito	20
1.3. A Relação entre Psicopatia e Gestão de Conflitos	22
1.3.1. Traços psicopáticos e comportamento interpessoal.....	22
1.3.2. Estilos de conflito associados a traços psicopáticos	25
1.3.3. Psicopatia, poder e dominação nas relações interpessoais	27
Parte II	31
Estudo Empírico.....	31
Capítulo II – Método.....	32
2.1. Introdução.....	32
2.2. Objetivos	32
2.3. Participantes	32
2.4. Instrumentos	34
2.5. Procedimentos.....	35
Capítulo 3 – Resultados	37
3.1. Caracterização dos níveis da psicopatia e dos estilos de gestão de conflito na amostra.....	37
3.2. Diferenças nas dimensões da psicopatia e nos estilos de gestão de conflito em função de variáveis sociodemográficas.....	38
3.3. Relações entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito	43
3.4. Poder preditivo das dimensões da psicopatia sobre os estilos de gestão de conflito	44

Capítulo IV – Discussão	47
4.1. Interpretação geral dos resultados	47
Capítulo V – Conclusão	58
Referências Bibliográficas	61

Índice de Tabelas

Tabela 1 <i>Caracterização sociodemográfica da amostra</i>	33
Tabela 2 <i>Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos das dimensões da SRP-III e do ROCI-II</i>	37
Tabela 3 <i>Resultados dos testes t para amostras independentes em função do sexo, da existência de filhos e da experiência em cargos de liderança</i>	39
Tabela 4 <i>Resultados das análises ANOVA em função das habilitações literárias, do estado civil e da situação profissional</i>	41
Tabela 5 <i>Correlações entre a idade, as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito</i>	43
Tabela 6 <i>Correlações entre as dimensões da SRP-III e do ROCI-II</i>	44
Tabela 7 <i>Poder preditivo das dimensões da psicopatia sobre os estilos de gestão de conflito</i>	46

Índice de Abreviaturas

ANOVA	Análise de Variância
CA	Comportamento Antissocial
CE	Comissão de Ética
DP	Desvio-padrão
EP	Erro-padrão
EVD	Estilo de Vida Desviante
IA	Insensibilidade Afetiva
M	Média
MI	Manipulação Interpessoal
PCL-R	Psychopathy Checklist-Revised
PPA	Perturbação da Personalidade Antissocial
ROCI-II	Rahim Organizational Conflict Inventory-II
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
SRP	Self-Report Psychopathy Scale
SRP-III	Self-Report Psychopathy Scale III

Introdução

A psicopatia tem sido tradicionalmente associada a contextos criminais e forenses, sendo frequentemente conceptualizada como um construto extremo, raro e distante da experiência quotidiana. Contudo, a investigação tem demonstrado que os traços psicopáticos se distribuem de forma contínua na população geral, podendo manifestar-se em indivíduos socialmente integrados, funcionalmente adaptados e inseridos em contextos relacionais e organizacionais normativos. Esta perspetiva desafia conceções clássicas e levanta questões sobre o impacto da psicopatia subclínica nas interações interpessoais e nos estilos de gestão de conflito.

O conflito interpessoal constitui uma dimensão inevitável das relações humanas, emergindo em contextos íntimos, profissionais e organizacionais. A forma como os indivíduos percecionam, interpretam e gerem situações de conflito relaciona-se com características emocionais, cognitivas e motivacionais, influenciando os resultados das interações, a qualidade relacional e o bem-estar psicológico. Compreender os estilos de gestão de conflito associados a diferentes perfis de personalidade assume, por isso, relevância científica e social.

Apesar do crescimento da investigação sobre traços psicopáticos em contextos não forenses, a articulação sistemática entre psicopatia e estilos de gestão de conflito permanece pouco explorada, sobretudo em populações adultas da comunidade e em contextos culturais específicos, como o português. Muitos estudos analisam estes construtos de forma isolada, sem integrar de modo consistente os modelos contemporâneos da psicopatia com as abordagens clássicas e atuais da gestão de conflitos.

O presente estudo pretende contribuir para o aprofundamento da compreensão da psicopatia enquanto traço subclínico, analisando a sua relação com os estilos de gestão de conflito. Procura-se ultrapassar leituras reducionistas do construto, integrando dimensões emocionais, cognitivas e contextuais, e evidenciar as implicações destes traços nas relações interpessoais, nos ambientes organizacionais e na convivência social.

A presente dissertação organiza-se em duas partes. A primeira corresponde ao enquadramento teórico, centrado na psicopatia, na gestão de conflitos e na relação entre ambos os construtos. A segunda integra o estudo empírico, incluindo o método, os resultados, a discussão e as conclusões finais.

Parte I

Enquadramento Teórico

Capítulo I – Psicopatia e Gestão de Conflitos

A psicopatia constitui um dos construtos mais complexos no estudo da personalidade, tanto pela sua evolução conceptual como pelas implicações no funcionamento interpessoal. Embora tenha sido tradicionalmente associada a contextos criminais e forenses, Hare (2013) salientou que a psicopatia não se restringe à criminalidade, podendo manifestar-se também em indivíduos socialmente integrados. Esta perspetiva tem sido reforçada por estudos que conceptualizam os traços psicopáticos como dimensões contínuas, presentes em diferentes graus na população geral e expressas de forma subclínica em contextos relacionais, profissionais e organizacionais (Almas & Lordos, 2025; Yang et al., 2025).

Esta leitura torna-se particularmente pertinente quando se considera que indivíduos com traços psicopáticos subclínicos podem ocupar posições de influência, liderança ou poder, exercendo impacto sobre equipas, organizações e redes relacionais. Em contexto organizacional, a presença destes traços tem sido descrita como problemática para o bem-estar dos trabalhadores e para o clima institucional (Boddy, 2014). Características como frieza emocional, charme superficial, manipulação interpessoal e orientação para o interesse próprio podem comprometer a cooperação, a confiança e a qualidade da gestão de conflitos (Cesar & Lopes, 2024; Palmen et al., 2021).

A importância relacional do tema é igualmente evidente. Em relações íntimas, os traços psicopáticos podem associar-se a manipulação emocional, controlo coercivo e deterioração da qualidade relacional (Forth et al., 2021), dificultando a proximidade emocional e a resolução construtiva de conflitos (Uzieblo et al., 2022). Assim, mesmo quando não se expressa através de violência física ou de comportamentos antissociais explícitos, a psicopatia subclínica pode ter consequências significativas para o bem-estar psicológico, a segurança relacional e a estabilidade das relações interpessoais.

No plano científico, a articulação entre psicopatia e gestão de conflitos permanece pouco explorada. Embora exista investigação consolidada sobre estilos de gestão de conflito e traços sombrios da personalidade, a integração sistemática destes domínios continua limitada. Indivíduos com traços psicopáticos tendem a privilegiar estratégias mais competitivas em contextos de negociação (Ten Brinke et al., 2015), sendo também descritas associações entre características sombrias da personalidade e estilos de conflito mais dominantes (Rosequist & Kromka, 2024). Também Körner et al. (2025) destacam a ligação entre psicopatia, poder percebido e agressão psicológica, sublinhando o

contributo destes traços para a compreensão de respostas interpessoais mais coercivas ou controladoras.

Estes padrões devem, contudo, ser compreendidos de forma contextual. Estratégias marcadas por frieza emocional, assertividade elevada ou orientação para o ganho pessoal podem produzir vantagens imediatas em interações competitivas ou assimétricas, mas tendem a revelar custos relacionais a médio e longo prazo, sobretudo quando são exigidas confiança, reciprocidade e cooperação sustentada. Esta leitura aproxima-se dos contributos de Sekhar e Uppal (2023, 2024), sobre exploração interpessoal associada aos traços sombrios, e da revisão de Hauser et al. (2023), que evidencia dificuldades no comportamento cooperativo e na tomada de decisão social em indivíduos com níveis elevados de psicopatia.

A presente investigação assume, por isso, pertinência científica e aplicada ao analisar, numa amostra de adultos portugueses, a relação entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito. Ao articular estes construtos, procura-se compreender de que forma traços psicopáticos subclínicos, nomeadamente manipulação interpessoal, insensibilidade afetiva, estilo de vida desviante e comportamento antissocial, se associam a diferentes formas de enfrentar o conflito, desde estratégias mais cooperativas até respostas mais dominantes ou evitantes. O estudo pretende, assim, contribuir para uma leitura mais integrada da psicopatia no quotidiano relacional, aprofundando um domínio ainda pouco explorado no contexto português.

1.1. A Psicopatia: conceptualização e dimensões

1.1.1. Evolução histórica e conceptual

O estudo científico da psicopatia tem raízes na história da psicopatologia, remontando ao início do século XIX. As primeiras conceptualizações surgem com Philippe Pinel, que utilizou a expressão *manie sans délire* para descrever um padrão de comportamento marcado pela ausência de remorso e contenção, sem comprometimento evidente da razão (Hare, 2013). Posteriormente, Prichard (1835, citado em Hare, 2013) introduziu o conceito de *moral insanity*, sublinhando a existência de uma perturbação moral dissociada de delírio ou défice intelectual. Estas formulações anteciparam uma ideia central na compreensão da psicopatia: a coexistência entre funcionamento racional aparentemente preservado e alterações profundas ao nível emocional, moral e interpessoal.

A sistematização mais consistente do construto surge com a obra de Cleckley, *The Mask of Sanity* (1941), na qual o indivíduo psicopático é descrito como aparentemente racional, ajustado e socialmente competente, mas marcado por pobreza afetiva, ausência de empatia genuína e défices na consciência moral. Esta conceptualização introduziu a tensão entre aparência de normalidade e comprometimento emocional profundo. Almas e Lordos (2025) destacam este contributo, salientando que a obra de Cleckley permitiu reconhecer a dissonância entre adaptação social aparente e disfunção afetiva.

As observações clínicas de Cleckley foram posteriormente traduzidas para uma abordagem empírica por Robert Hare, que operacionalizou o construto através da *Psychopathy Checklist* e, mais tarde, da *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R). Este instrumento permitiu avaliar traços nucleares da psicopatia, como manipulação, egocentrismo, frieza emocional e ausência de culpa ou remorso, tornando-se uma referência em contextos clínicos e forenses (Hare, 2013). O desenvolvimento de instrumentos de autorrelato, como a *Self-Report Psychopathy Scale* (SRP), alargou o estudo da psicopatia a populações não institucionais, permitindo analisar a sua expressão em contextos comunitários e subclínicos. Neste enquadramento, Almas e Lordos (2025) sublinham que os instrumentos de Hare representaram uma operacionalização empírica dos critérios clínicos descritos por Cleckley, contribuindo para consolidar a psicopatia como um construto científico distinto das categorias diagnósticas formais, nomeadamente da Perturbação da Personalidade Antissocial (PPA).

Uma distinção central na evolução conceptual da psicopatia prende-se com a sua diferenciação face à PPA. Enquanto este diagnóstico enfatiza sobretudo padrões persistentes de comportamento antissocial observável, como violação de normas sociais, impulsividade, irresponsabilidade e comportamentos ilegais, a psicopatia integra dimensões afetivas e interpessoais mais profundas, como ausência de empatia, culpa e remorso, frieza emocional, charme superficial e manipulação (Almas & Lordos, 2025; American Psychiatric Association, 2022). Hare (2013) clarifica que nem todos os indivíduos com diagnóstico de PPA apresentam psicopatia, podendo manifestar comportamentos antissociais sem os défices emocionais e interpessoais nucleares do construto. Por outro lado, indivíduos com traços psicopáticos podem revelar algum grau de comportamento antissocial, ainda que este nem sempre se traduza em criminalidade aberta ou institucionalmente sancionada.

Esta perspectiva é reforçada por Pires (2022), ao salientar que a psicopatia não constitui uma categoria diagnóstica formal nos principais sistemas classificativos, mas um construto amplamente utilizado na investigação científica. Enquanto a PPA se centra predominantemente em comportamentos observáveis e violações normativas, a psicopatia envolve alterações mais profundas no funcionamento emocional, interpessoal e moral, não podendo ser reduzida à transgressão comportamental.

Hare et al. (2022) retomam esta tradição clínica e empírica ao apresentar a psicopatia como um construto multidimensional, composto por traços interpessoais, afetivos, de estilo de vida e antissociais. Os autores destacam características como manipulação, mentira patológica, grandiosidade, afeto superficial, ausência de empatia, culpa e remorso, reforçando que a psicopatia pode manifestar-se mesmo na ausência de historial criminal evidente. Indivíduos com traços psicopáticos podem operar em contextos de autoridade, legitimidade institucional ou poder, recorrendo a estratégias interpessoais instrumentais, controlo comportamental e planeamento sofisticado. Assim, a ausência de empatia e remorso pode coexistir com comportamentos socialmente ajustados, sem implicar necessariamente desorganização, impulsividade evidente ou disfuncionalidade manifesta.

A abordagem dimensional da psicopatia é aprofundada por Palmen et al. (2021), que enquadram o construto a partir dos modelos fatoriais derivados da PCL-R. Estes autores distinguem entre traços interpessoais e afetivos, associados ao Fator 1, e traços comportamentais e antissociais, associados ao Fator 2. Em contextos de liderança e organizações, esta distinção torna-se relevante, uma vez que indivíduos com níveis mais elevados de traços interpessoais e afetivos, mas menor expressão de comportamentos antissociais evidentes, podem apresentar funcionamento social aparentemente adaptativo e alcançar posições hierárquicas sem envolvimento direto em criminalidade.

Esta leitura retoma a noção clássica da "máscara de sanidade" introduzida por Cleckley, evidenciando a possibilidade de determinados indivíduos se apresentarem como competentes, confiantes e socialmente integrados, apesar de défices emocionais profundos (Pires, 2022). Assim, a evolução histórica e conceptual da psicopatia revela um construto complexo, multidimensional e distinto das categorias diagnósticas formais, cuja compreensão exige a integração de perspetivas clínicas, empíricas e dimensionais.

1.1.2. Modelos teóricos atuais

A psicopatia é hoje amplamente conceptualizada como um construto multidimensional, composto por dimensões interpessoais, afetivas, comportamentais e antissociais. Entre os modelos mais influentes destaca-se o modelo de quatro fatores associado aos trabalhos de Hare, que continua a constituir uma das representações mais utilizadas e empiricamente sustentadas do construto (Almas & Lordos, 2025; Hare, 2013; Hare et al., 2022).

Este modelo organiza a psicopatia em quatro dimensões centrais: interpessoal, afetiva, estilo de vida e antissocial. A dimensão interpessoal inclui traços como encanto superficial, grandiosidade, mentira patológica e manipulação; a dimensão afetiva caracteriza-se pela ausência de empatia, culpa e remorso; a dimensão de estilo de vida engloba impulsividade, irresponsabilidade e procura de excitação; e a dimensão antissocial refere-se à violação de normas e a comportamentos socialmente desviantes (Hare, 2013; Hare et al., 2022). Esta estrutura evidencia que a psicopatia não se reduz a condutas antissociais observáveis, envolvendo também défices emocionais e interpessoais que influenciam de forma significativa o funcionamento social e relacional dos indivíduos.

Com base neste enquadramento, a avaliação da psicopatia passou a ser sustentada por instrumentos amplamente utilizados, como a Psychopathy Checklist–Revised (PCL-R) e, em contextos de autorrelato, a Self-Report Psychopathy Scale (SRP-III). Esta última assume particular relevância em populações não forenses, nomeadamente comunitárias, académicas e organizacionais, por permitir captar variações subclínicas dos traços psicopáticos. Deste modo, a operacionalização dimensional do construto tornou possível estudar a psicopatia não apenas em contextos clínicos ou prisionais, mas também em indivíduos socialmente integrados.

Em paralelo, outros modelos contemporâneos têm vindo a alargar a compreensão da psicopatia. Almas e Lordos (2025) destacam o *Triarchic Model of Psychopathy*, proposto por Patrick, Fowles e Krueger, que descreve o construto a partir de três componentes fundamentais: *boldness* (ousadia), *meanness* (crueldade) e *disinhibition* (desinibição). Este modelo permite compreender a psicopatia através da combinação entre traços de dominância social, baixa empatia, frieza emocional e fraco controlo comportamental, sendo particularmente útil para explicar a variabilidade da sua expressão em contextos clínicos, subclínicos e não criminais.

Outra contribuição relevante advém das abordagens que integram a psicopatia no conjunto mais amplo dos traços sombrios da personalidade. A *Dark Triad*, proposta por Paulhus e Williams (2002, citados em Furtado et al., 2024), engloba a psicopatia, o maquiavelismo e o narcisismo, conceptualizando-os como traços distintos, mas inter-relacionados. Estes partilham um núcleo comum marcado por frieza emocional, manipulação e orientação instrumental para o benefício próprio. Ainda assim, cada traço apresenta especificidades: o maquiavelismo associa-se a manipulação estratégica e cálculo social; o narcisismo expressa-se através de grandiosidade e necessidade de validação; e a psicopatia tende a envolver maior impulsividade, ausência de empatia e propensão para comportamentos agressivos ou coercivos (Furtado et al., 2024). Esta distinção é particularmente relevante para o presente estudo, uma vez que permite compreender a psicopatia como um traço com implicações específicas na forma como os indivíduos se relacionam, exercem influência e lidam com situações de conflito.

De forma ainda mais integradora, o *Dark Factor of Personality*, ou D-Factor, proposto por Moshagen et al. (2020, citados em Almas & Lordos, 2025; Sekhar & Uppal, 2023), conceptualiza a psicopatia como uma das expressões de um núcleo disposicional comum subjacente aos traços sombrios da personalidade. Este núcleo é definido pela tendência para maximizar o interesse próprio à custa dos outros, associada a insensibilidade moral, antagonismo e instrumentalização interpessoal. Nesta linha, Sekhar e Uppal (2023) recorrem ao conceito de *dark core* para captar a malevolência comum subjacente à psicopatia, ao maquiavelismo e a outros traços sombrios, sublinhando a sua relevância em contextos organizacionais e relacionais.

Os trabalhos de Sekhar e Uppal (2024) aprofundam esta perspetiva ao conceptualizar a psicopatia como um traço subclínico associado à maximização instrumental do interesse próprio, especialmente em contextos de negociação. Segundo os autores, indivíduos com níveis mais elevados de traços psicopáticos tendem a apresentar baixa orientação relacional, menor preocupação com consequências interpessoais e maior foco em recompensas imediatas. Esta leitura é particularmente pertinente para a presente investigação, uma vez que aproxima a psicopatia de processos de tomada de decisão interpessoal, negociação e gestão de conflitos.

A relevância destes modelos é corroborada por evidência empírica recente. Stephan et al. (2023) demonstram que os traços psicopáticos, avaliados no âmbito da *Dark Triad*, estão associados a baixa empatia, frieza emocional, impulsividade e maior

tolerância ao risco, características com impacto direto nas interações sociais e laborais. De forma convergente, Rosequist e Kromka (2024) evidenciam que indivíduos com traços da *Dark Tetrad*, incluindo a psicopatia, tendem a apresentar níveis mais elevados de assertividade e agressividade, favorecendo estilos de interação e gestão de conflito mais dominantes e competitivos.

Em conjunto, estes modelos convergem na ideia de que a psicopatia não constitui um construto unitário, devendo ser compreendida como uma configuração complexa de traços cuja expressão varia em função do perfil individual e do contexto. Como salientam Palmen et al. (2021), em contextos de liderança e poder, indivíduos com traços psicopáticos podem apresentar níveis mais elevados de características interpessoais e afetivas, associadas ao Fator 1, e menor expressão de comportamentos antissociais explícitos, associados ao Fator 2. Esta combinação pode favorecer um funcionamento social aparentemente adaptativo, permitindo a ascensão a posições hierárquicas sem envolvimento necessário em criminalidade aberta.

Este enquadramento sustenta a abordagem adotada no presente estudo, ao conceptualizar a psicopatia como um traço subclínico, contínuo e relevante para a compreensão do comportamento interpessoal, organizacional e da gestão de conflitos em populações adultas não forenses.

1.1.3. Psicopatia subclínica e psicopatas socialmente integrados

A investigação contemporânea tem demonstrado que a psicopatia não se circunscreve a contextos criminais ou forenses, podendo manifestar-se em indivíduos socialmente integrados e funcionalmente adaptados. Esta perspetiva rompe com uma visão exclusivamente criminal do construto e permite compreendê-lo enquanto um continuum de traços presentes na população geral, com diferentes graus de intensidade e expressão (Hare, 2013; Lin et al., 2025; Yang et al., 2025).

Hare (2013) enfatiza esta ideia ao afirmar que "não causa surpresa que muitos psicopatas sejam criminosos; mas muitos outros continuam fora da prisão, usando seu charme e suas habilidades camaleónicas para semear a devastação na sociedade, deixando um rastro de vidas arruinadas por onde passam" (p. 20). Esta observação sustenta a noção de psicopatia subclínica ou funcional, segundo a qual muitos indivíduos com traços psicopáticos permanecem invisíveis aos sistemas de justiça, mas podem exercer um impacto profundo e duradouro nas relações interpessoais e nos contextos sociais em que

se inserem. Nestes casos, a psicopatia tende a expressar-se através de padrões relacionais frios, instrumentais e orientados para o benefício próprio.

No contexto organizacional, esta problemática assume particular relevância. Almas e Lordos (2025) sublinham que indivíduos com traços psicopáticos subclínicos podem ocupar cargos de liderança ou posições de poder, sobretudo em ambientes competitivos. De modo semelhante, Babiak e Hare (2019, citados em Almas & Lordos, 2025) descrevem os chamados psicopatas de colarinho branco, indivíduos que, embora não apresentem necessariamente historial criminal ou violência física, evidenciam défices afetivos centrais, como ausência de empatia, culpa e remorso. Em ambientes corporativos, características como charme superficial, autocontrolo emocional, assertividade e manipulação podem ser confundidas com competências de liderança, facilitando a ascensão profissional e a influência sobre os outros.

Cesar e Lopes (2024) reforçam esta perspetiva ao evidenciarem que uma parte significativa dos indivíduos com traços psicopáticos se encontra integrada na sociedade, muitas vezes em posições de liderança ou influência. Segundo os autores, estes sujeitos distinguem-se dos psicopatas forenses por não apresentarem comportamentos criminais evidentes, mas revelam padrões de funcionamento marcados por manipulação interpessoal, superficialidade emocional, irresponsabilidade e ausência de empatia. Acrescentam ainda que estes traços podem tornar-se mais evidentes na vida adulta, sobretudo em contextos que favorecem competição, poder e conquista de estatuto, reforçando a necessidade de estudar a psicopatia para além de amostras forenses. O ambiente corporativo pode, assim, funcionar como um contexto favorável à expressão da psicopatia subclínica, ao permitir a adaptação às normas sociais e a ocultação de traços mais disruptivos.

A literatura recente confirma que os traços psicopáticos podem manifestar-se em contextos quotidianos, incluindo ambientes académicos, profissionais e negociais. Ten Brinke et al. (2015) demonstraram que indivíduos com níveis mais elevados de psicopatia exibem padrões interpessoais marcados por manipulação, frieza emocional e impulsividade em situações convencionais, como negociações económicas. De forma convergente, Sekhar e Uppal (2023, 2024) verificaram que traços psicopáticos subclínicos, em amostras não criminais, se associam a maior exploração interpessoal, particularmente em contextos profissionais e de negociação nos quais os ganhos pessoais podem ser privilegiados em detrimento da cooperação e da confiança.

No domínio das relações íntimas, Uzieblo et al. (2022) reforçam que os traços psicopáticos estão presentes na população geral e que muitos indivíduos com estas características mantêm relações românticas estáveis, embora frequentemente marcadas por dinâmicas disfuncionais. Estudos referidos pelos autores, como os de Jonason e Kavanagh (2010) e Massar et al. (2017), indicam que estes indivíduos podem recorrer a estilos amorosos lúdicos, ciúme instrumental e estratégias de manipulação, sem necessariamente apresentarem comportamentos criminais. Esta perspetiva é aprofundada por Forth et al. (2021), que descrevem padrões de instrumentalização do parceiro, manipulação emocional prolongada, mentira crónica e exploração financeira em relações amorosas envolvendo indivíduos com traços psicopáticos.

Sutton e Stapleton (2023) salientam igualmente que grande parte da investigação atual analisa traços psicopáticos em populações gerais, incluindo adultos empregados, reforçando a relevância da psicopatia subclínica para a compreensão do funcionamento relacional e ocupacional. Esta abordagem é também sustentada por Hare et al. (2022), que demonstraram que determinados indivíduos podem apresentar pontuações elevadas no Fator 1 da psicopatia, isto é, nos domínios interpessoal e afetivo, sem evidenciarem necessariamente níveis igualmente elevados no Fator 2, mais associado ao comportamento antissocial. Este padrão reforça a ideia de que a psicopatia pode manifestar-se predominantemente através de frieza emocional, manipulação e ausência de remorso, mesmo na ausência de criminalidade comum.

A abordagem dimensional da psicopatia é ainda reforçada por Yang et al. (2025) e Lin et al. (2025), que conceptualizam os traços psicopáticos como parte de um continuum presente na população geral. Lin et al. (2025) acrescentam que estes traços podem coexistir com comportamentos socialmente adequados, dependendo do contexto relacional e dos benefícios envolvidos. Assim, indivíduos com níveis elevados de psicopatia podem, em determinadas circunstâncias, apresentar comportamentos aparentemente pró-sociais quando estes são funcionalmente vantajosos.

Em conjunto, estes contributos sustentam a necessidade de compreender a psicopatia como um construto dimensional e subclínico, cuja expressão pode ocorrer em indivíduos socialmente integrados e em diferentes contextos de vida. Para a presente investigação, esta perspetiva é particularmente relevante, uma vez que permite analisar de que forma traços psicopáticos podem influenciar a gestão de conflito interpessoal sem que estejam necessariamente associados a criminalidade ou disfuncionalidade manifesta.

Assim, a psicopatia subclínica torna-se um elemento importante para compreender dinâmicas relacionais marcadas por manipulação, frieza emocional, instrumentalização do outro e menor orientação para a cooperação.

1.1.4. Dimensões emocionais e cognitivas

A psicopatia caracteriza-se por alterações profundas no funcionamento emocional e cognitivo, com repercussões diretas no comportamento interpessoal, moral e relacional. A literatura contemporânea tem demonstrado que estes défices não correspondem a uma incapacidade global de compreender o outro ou as normas sociais, mas antes a uma dissociação entre compreensão cognitiva, responsividade afetiva e motivação moral (Almas & Lordos, 2025; Hare, 2013; Hauser et al., 2023).

Um dos aspetos centrais nesta discussão prende-se com a distinção entre empatia cognitiva e empatia afetiva. A empatia cognitiva refere-se à capacidade de reconhecer e compreender os estados emocionais dos outros, enquanto a empatia afetiva diz respeito à capacidade de partilhar ou responder emocionalmente a esses estados. Segundo Almas e Lordos (2025), na psicopatia, a empatia cognitiva tende a encontrar-se relativamente preservada, permitindo identificar emoções, intenções e vulnerabilidades alheias. Em contraste, a empatia afetiva encontra-se comprometida, contribuindo para interações marcadas por frieza emocional, ausência de compaixão, culpa ou preocupação genuína com o outro.

Esta dissociação encontra suporte em evidência neurocientífica, que associa a psicopatia a alterações em regiões envolvidas no processamento emocional, na aprendizagem moral e na regulação dos impulsos, nomeadamente a amígdala e o córtex pré-frontal (Almas & Lordos, 2025). Hare (2013) descreve a ausência de empatia e de remorso como características centrais da psicopatia, salientando que estes indivíduos podem compreender racionalmente as emoções, mas não as experienciam de forma autêntica ou vinculativa. Esta lacuna afetiva compromete a formação de vínculos emocionais genuínos e favorece uma abordagem instrumental às relações interpessoais.

A alexitimia surge, neste contexto, como um mecanismo relevante para compreender os défices emocionais associados à psicopatia. Burghart et al. (2024) definem-na como a dificuldade em identificar e descrever emoções, associada a uma orientação cognitiva excessivamente dirigida para o exterior. Os autores demonstram uma relação robusta entre psicopatia e alexitimia, particularmente nas dimensões de meanness

e disinhibition do modelo triárquico, mostrando ainda que a alexitimia medeia a relação entre psicopatia e défices de empatia. Assim, a dificuldade em reconhecer os próprios estados emocionais pode comprometer também a capacidade de reconhecer e responder adequadamente às emoções dos outros. Além disso, estes indivíduos tendem a recorrer mais à supressão emocional e menos à reavaliação cognitiva, revelando padrões menos adaptativos de regulação emocional.

A análise do modelo triárquico permite distinguir diferentes formas de expressão da psicopatia. Burghart et al. (2024) mostram que meanness se associa de forma mais forte à baixa empatia e à alexitimia, enquanto disinhibition se relaciona com impulsividade e desregulação emocional. Por outro lado, boldness surge como uma dimensão potencialmente mais adaptativa, associada a menor alexitimia, maior empatia cognitiva e melhor capacidade de reavaliação emocional. Este dado é relevante para a compreensão da psicopatia funcional, ao sugerir que algumas características psicopáticas podem coexistir com competências sociais aparentemente eficazes.

No contexto organizacional, Cesar e Lopes (2024) descrevem um padrão semelhante, salientando que os psicopatas corporativos podem apresentar empatia cognitiva sofisticada, apesar de défices profundos de empatia emocional. Estes indivíduos compreendem as emoções e vulnerabilidades dos outros, mas utilizam essa informação de forma instrumental, com fins de manipulação, controlo ou dominação. Esta dissociação contribui para comportamentos frios, calculistas e eticamente empobrecidos, bem como para uma reduzida capacidade de culpa, respostas morais frágeis e maior propensão para decisões que intensificam conflitos e climas organizacionais hostis. Assim, a psicopatia funcional pode envolver uma combinação paradoxal entre competências comunicacionais elevadas e ausência de compromisso afetivo genuíno com os outros.

Do ponto de vista cognitivo, Ten Brinke et al. (2015) demonstram que indivíduos com níveis elevados de psicopatia tendem a interpretar o ambiente social como competitivo e de soma zero. Esta perceção favorece a expectativa de antagonismo entre interesses, a desconfiança interpessoal e a adoção de comportamentos mais autocentrados ou dominantes. Esta leitura é particularmente importante para a presente investigação, uma vez que sugere que a forma como indivíduos com traços psicopáticos percecionam o conflito pode influenciar diretamente o modo como o gerem, reduzindo a probabilidade de respostas cooperativas ou integrativas.

No domínio relacional, Uzieblo et al. (2022) caracterizam a psicopatia como um construto multidimensional marcado por frieza emocional, manipulação, mentira recorrente e dificuldade em manter proximidade afetiva, explicando a diminuição da qualidade relacional quando um dos parceiros apresenta níveis elevados destes traços. Sutton e Stapleton (2023) demonstram igualmente que a psicopatia se associa a défices significativos na inteligência emocional, incluindo dificuldades na perceção, compreensão e regulação das emoções. Estes défices refletem-se numa menor responsividade afetiva e numa reduzida tolerância à vulnerabilidade emocional dos outros, com impacto no funcionamento relacional e laboral.

Também Forth et al. (2021), no contexto das relações amorosas, descrevem padrões consistentes de dissonância emocional e défices afetivos profundos em indivíduos com traços psicopáticos. As vítimas relatam ausência de reconhecimento emocional, desprezo perante o sofrimento, frieza em momentos críticos e falta de reciprocidade afetiva. Estes défices não parecem ser meramente circunstanciais, mas antes parte da dimensão afetiva da psicopatia, contribuindo para relações marcadas por manipulação emocional, controlo e exploração.

Do ponto de vista moral e motivacional, estudos recentes reforçam que indivíduos com traços psicopáticos não apresentam necessariamente défices na compreensão de normas sociais ou morais. Yang et al. (2025) demonstram que estes indivíduos conseguem identificar injustiças e reconhecer princípios de equidade, mas revelam menor motivação para agir de acordo com essas normas quando tal implica custos pessoais. De forma semelhante, Lin et al. (2025) mostram que os comportamentos pró-sociais podem surgir de forma estratégica e instrumental, sobretudo quando são funcionalmente vantajosos. Estes resultados reforçam a distinção entre compreender o outro e preocupar-se genuinamente com o outro.

Nesta linha, Palmen et al. (2021) propõem que indivíduos com traços psicopáticos elevados apresentam uma hierarquia motivacional centrada na dominação, em detrimento da afiliação ou da realização baseada no mérito. Esta orientação associa-se a fraca empatia, instrumentalização das relações e reduzida preocupação com o impacto emocional das próprias ações. A revisão sistemática de Hauser et al. (2023) reforça esta perspetiva ao concluir que a psicopatia não implica ausência total de compreensão social, mas alterações consistentes na motivação emocional e moral. Ou seja, a informação social

pode ser compreendida, mas tende a ser desvalorizada quando entra em conflito com ganhos pessoais.

Por fim, Pires (2022) enfatiza que a psicopatia funcional se associa a alterações profundas no sistema emocional, incluindo empatia reduzida, ausência de culpa e remorso e défices de regulação afetiva. Estas características permitem que o indivíduo tome decisões antiéticas sem sofrimento emocional significativo, ignore valores morais internalizados e utilize as emoções alheias como instrumentos de manipulação.

Em síntese, as dimensões emocionais e cognitivas da psicopatia revelam um padrão consistente de dissociação entre capacidade de compreensão e envolvimento afetivo. Indivíduos com traços psicopáticos podem compreender emoções, normas e expectativas sociais, mas tendem a apresentar menor responsividade emocional, menor motivação moral e maior instrumentalização das relações. Esta configuração tem implicações diretas para o comportamento interpessoal e para a gestão de conflito, uma vez que pode favorecer respostas mais frias, dominantes, estratégicas ou pouco orientadas para a cooperação genuína.

1.2. A Gestão de Conflitos: conceptualização e modelos teóricos

1.2.1. Definição e natureza do conflito

O conflito constitui um fenómeno inerente às relações humanas, emergindo sempre que indivíduos ou grupos interagem em contextos de interdependência social, relacional ou organizacional. De acordo com Pinto-Moreira (2021), ocorre quando duas ou mais partes percecionam os seus objetivos, valores, interesses ou necessidades como incompatíveis. Esta dimensão subjetiva é central, uma vez que o conflito não depende apenas da existência objetiva de divergências, mas sobretudo da forma como estas são interpretadas pelas partes envolvidas.

Neste sentido, o conflito não decorre exclusivamente da escassez de recursos ou da oposição direta de interesses, podendo também resultar de diferenças nas atitudes, crenças, valores e interpretações da realidade social. Pinto-Moreira (2021) sublinha que percepções distorcidas ou enviesadas podem amplificar divergências, intensificando a incompatibilidade percebida e dificultando a identificação de interesses comuns. Assim, o conflito deve ser compreendido como um fenómeno relacional e interpretativo, no qual a percepção das intenções do outro assume um papel decisivo.

Cunha e Leitão (2021) definem o conflito como uma interação entre indivíduos ou grupos com objetivos, interesses ou necessidades divergentes, capaz de gerar tensão, confronto e bloqueios relacionais. Os autores salientam que este fenómeno é mais complexo do que um simples problema, por envolver múltiplas perspetivas, fatores emocionais, dinâmicas sociais e interpretações subjetivas. Enquanto um problema pode remeter para uma situação que exige uma solução objetiva, o conflito implica uma disputa relacional, exigindo competências interpessoais, emocionais e comunicacionais para uma gestão eficaz.

No contexto organizacional, Rahim (1992, 2001, citado em Pinto-Moreira, 2021) conceptualiza o conflito interpessoal como uma situação em que os objetivos de duas ou mais pessoas são percecionados como incompatíveis, originando tensões relacionais, atitudes defensivas e, em alguns casos, comportamentos hostis. Apesar da sua conotação frequentemente negativa, a literatura reconhece que o conflito pode assumir funções adaptativas. Quando adequadamente gerido, pode promover aprendizagem, criatividade, clarificação de papéis, inovação e desenvolvimento individual e coletivo (Beitler et al., 2018; Deutsch, 1994; Tjosvold, 1997, citados em Pinto-Moreira, 2021).

Cunha e Leitão (2021) distinguem diferentes níveis de ocorrência do conflito: intrapessoal, quando envolve dilemas internos; interpessoal, quando ocorre entre indivíduos; intragrupal, quando surge no interior de um grupo; e intergrupar, quando emerge entre diferentes grupos. Para além desta classificação, diferenciam conflitos de interesses, geralmente mais negociáveis e associados a objetivos concretos; conflitos de afetos ou valores sociais, mais difíceis de resolver por envolverem crenças, identidade e emoções profundas; e conflitos mistos, que combinam ambas as dimensões.

Os mesmos autores identificam ainda diferentes níveis de visibilidade do conflito: latente, quando existem tensões ainda não claramente reconhecidas; encoberto, quando o conflito é percebido pelas partes, mas mantido oculto; e manifesto, quando se torna visível e frequentemente acompanhado por expressões emocionais mais intensas. Esta distinção é relevante, pois o conflito nem sempre se manifesta de forma explícita, podendo desenvolver-se de modo silencioso até atingir níveis mais elevados de intensidade e escalada.

A literatura tem vindo, assim, a afastar-se de uma visão exclusivamente negativa do conflito. Cunha e Leitão (2021) defendem uma perspetiva funcional-disfuncional,

segundo a qual o seu impacto depende da forma como é interpretado, regulado e gerido. Quando bem conduzido, pode favorecer mudança, inovação, clarificação de posições e fortalecimento relacional; quando mal gerido, pode contribuir para a deterioração das relações, diminuição do bem-estar e comprometimento do desempenho individual e organizacional.

Esta compreensão processual é particularmente relevante para a presente investigação, uma vez que o modo como os indivíduos interpretam e regulam situações de tensão pode ser influenciado por características de personalidade. Sekhar e Uppal (2023) conceptualizam o conflito interpessoal como um dilema entre cooperação e exploração, enquadrado na teoria pessoa-situação. Nesta abordagem, o conflito emerge da tensão entre interesses próprios e expectativas de confiança, sobretudo em contextos onde existem incentivos para comportamentos competitivos, estratégicos ou exploratórios. Esta leitura permite aproximar a natureza do conflito da psicopatia subclínica, na medida em que traços como frieza emocional, manipulação e orientação para o benefício próprio podem influenciar a forma como o indivíduo interpreta e responde à divergência.

No domínio da regulação social, Yang et al. (2025) conceptualizam o conflito como uma violação de normas sociais e interpessoais que exige uma resposta reguladora. Os autores introduzem o conceito de punição social (social punishment) como mecanismo central na gestão de conflito e na manutenção da cooperação social. Esta regulação pode ocorrer quando o indivíduo é diretamente afetado (second-party punishment) ou quando atua como observador (third-party punishment), sublinhando o papel do conflito na preservação da ordem social e das normas coletivas.

No contexto profissional e organizacional, Christmann et al. (2024) descrevem o conflito como um fenómeno inerente ao trabalho, resultante da interação entre indivíduos com valores, interesses, objetivos e perceções distintas. Segundo os autores, o conflito organizacional ocorre quando uma parte percebe que outra está, ou poderá vir a estar, a interferir com a concretização dos seus objetivos profissionais. O seu impacto depende, portanto, da forma como é experienciado e gerido, não sendo intrinsecamente disfuncional.

Em síntese, a literatura converge na definição do conflito como um fenómeno relacional, subjetivo e inevitável nas interações humanas, resultante da perceção de

incompatibilidade entre interesses, valores, objetivos ou necessidades. O conflito envolve componentes cognitivas, emocionais e comportamentais, podendo assumir consequências construtivas ou destrutivas consoante os processos de interpretação, regulação emocional e gestão adotados pelas partes envolvidas. Esta perspetiva é particularmente importante no presente estudo, ao permitir analisar de que modo traços psicopáticos podem influenciar a forma como os indivíduos percecionam, enfrentam e gerem situações de conflito interpessoal.

1.2.2. Modelos de gestão de conflitos

A gestão de conflitos tem sido amplamente estudada na literatura psicológica e organizacional, sendo conceptualizada como o conjunto de estratégias utilizadas pelos indivíduos para lidar com situações de confronto interpessoal, relacional ou organizacional. Um dos modelos mais influentes neste domínio é o modelo dual de interesses, originalmente proposto por Rahim e Bonoma (1979), que continua a constituir uma base teórica relevante na investigação contemporânea sobre estilos de gestão de conflito (Cunha & Leitão, 2021; Pinto-Moreira, 2021).

De acordo com este modelo, a forma como os indivíduos gerem o conflito resulta da combinação entre duas dimensões fundamentais: a preocupação com os próprios interesses, frequentemente associada à assertividade, e a preocupação com os interesses do outro, associada à cooperação. A articulação destas dimensões dá origem a cinco estilos principais de gestão de conflito, operacionalizados através do Rahim Organizational Conflict Inventory-II (ROCI-II), instrumento amplamente utilizado em contextos organizacionais (Rahim, 2011, citado em Cunha & Leitão, 2021; Pinto-Moreira, 2021).

O estilo de Integração caracteriza-se por elevada preocupação consigo e com o outro, envolvendo cooperação, partilha de informação e procura ativa de soluções mutuamente satisfatórias. A Anuência ou complacência (*obliging*) traduz uma baixa preocupação com os próprios interesses e elevada preocupação com os interesses do outro, manifestando-se através da cedência ou acomodação. A Dominação, por sua vez, reflete elevada preocupação consigo e baixa preocupação com o outro, orientando-se para a imposição dos próprios objetivos. A Evitação corresponde a uma baixa preocupação tanto consigo como com o outro, conduzindo ao afastamento ou adiamento do conflito. Por fim, o Compromisso envolve níveis intermédios de preocupação com ambas as

partes, implicando negociação, concessões mútuas e procura de soluções intermédias (Pinto-Moreira, 2021; Rahim, 2011, citado em Cunha & Leitão, 2021).

Importa distinguir, como sublinha Pinto-Moreira (2021), a gestão de conflitos da resolução de conflitos. Enquanto a resolução tende a centrar-se na eliminação do conflito, a gestão procura minimizar os seus efeitos disfuncionais e potenciar os seus efeitos construtivos. Esta distinção, inicialmente proposta por Robbins (1978, citado em Pinto-Moreira, 2021), é fundamental para compreender o conflito como um fenómeno inevitável e, em determinadas condições, funcional. Nesta linha, Rahim (2001, 2002, citado em Pinto-Moreira, 2021) defende que conflitos bem geridos podem favorecer a aprendizagem organizacional, a melhoria das relações interpessoais e a eficácia coletiva. Também Tjosvold (1997) e Gross e Guerrero (2000, citados em Pinto-Moreira, 2021) salientam que uma gestão adequada do conflito pode promover relações de confiança, *empowerment* e desenvolvimento de competências de liderança.

Cunha e Leitão (2021) aprofundam esta perspetiva ao descreverem a gestão de conflitos como um conjunto de estratégias relativamente estáveis, influenciadas pela importância atribuída aos próprios objetivos e à relação com o outro. Com base no modelo de interesses duais, os autores referem estratégias como cedência, competição, retirada, inatividade e solução de problemas ou colaboração, sublinhando que nenhuma delas é intrinsecamente superior. A adequação de cada estilo depende do contexto, da natureza do conflito, das emoções envolvidas, da relação entre as partes e do equilíbrio de poder existente.

A literatura empírica recente tem reforçado que a escolha dos estilos de gestão de conflito não depende apenas da situação, mas também de características individuais relativamente estáveis. Stephan et al. (2023) demonstram que traços da *Dark Triad*, incluindo a psicopatia, se associam a baixa empatia, frieza emocional, impulsividade e maior tolerância ao risco, características que podem influenciar a forma como os indivíduos respondem a situações de tensão interpessoal. De forma convergente, Christmann et al. (2024) analisam o conflito organizacional como um fenómeno influenciado por disposições pessoais, defendendo que a sua gestão depende não apenas das características da situação, mas também das orientações individuais dos envolvidos.

Em síntese, os modelos contemporâneos de gestão de conflitos convergem na ideia de que o conflito é inevitável e potencialmente construtivo, dependendo a sua

evolução da forma como é interpretado e gerido. O modelo dual de interesses, sustentado por Rahim e Bonoma (1979) e operacionalizado através do ROCI-II, fornece um enquadramento teórico robusto para compreender os diferentes estilos de gestão de conflito. Este enquadramento revela-se particularmente relevante para a presente tese, ao permitir analisar de que forma traços de personalidade, nomeadamente traços psicopáticos, podem associar-se a padrões mais cooperativos, evitantes, dominantes ou orientados para o compromisso em situações de conflito interpessoal.

1.2.3. Fatores individuais na gestão de conflito

A literatura contemporânea reconhece que a gestão de conflito não depende apenas das características da situação, sendo também influenciada por fatores individuais relativamente estáveis, como a personalidade, as competências emocionais, os valores pessoais, a perceção interpessoal e variáveis sociodemográficas. Estes fatores moldam a forma como os indivíduos interpretam situações de tensão, regulam as emoções associadas e escolhem estratégias de resposta ao confronto (Cunha & Leitão, 2021).

No contexto organizacional português, Pinto-Moreira (2021) analisou diferenças nos estilos de gestão de conflito em função do género e do nível de escolaridade, numa amostra de 181 trabalhadores. Os resultados evidenciaram predominância da Integração e do Compromisso, sugerindo uma orientação geral para estratégias cooperativas e construtivas. Contrariamente a alguns estudos internacionais, que apontavam para maior competitividade nos homens e maior orientação relacional nas mulheres (Brewer et al., 2002; Rahim, 1986, citados em Pinto-Moreira, 2021), não foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres. Por outro lado, o nível de escolaridade revelou-se diferenciador, verificando-se que participantes com formação superior apresentavam menor tendência para a Evitação e maior propensão para recorrer a estratégias construtivas, como a Integração e o Compromisso (Pinto-Moreira, 2021). Estes resultados reforçam a importância dos processos de socialização, aprendizagem e desenvolvimento de competências emocionais e relacionais na gestão de conflito (Garvin, 1993; Rahim, 2002; Schein, 1993, citados em Pinto-Moreira, 2021).

Para além das variáveis sociodemográficas, os traços de personalidade assumem um papel central na forma como os indivíduos lidam com o conflito. Cunha e Leitão (2021) sublinham que a perceção interpessoal, muitas vezes enviesada, pode amplificar tensões e favorecer interpretações defensivas ou hostis. A personalidade influencia, assim, a tolerância ao confronto, a tendência para a cooperação ou dominação e a capacidade de

regular emoções negativas. Traços como a amabilidade e a responsabilidade tendem a favorecer estilos mais cooperativos, enquanto padrões mais rígidos, autocentrados ou emocionalmente desregulados aumentam a probabilidade de escalada do conflito.

As emoções constituem, neste processo, um fator transversal. Emoções intensas e mal reguladas podem bloquear a comunicação, aumentar a hostilidade, promover retraimento ou desencadear respostas agressivas. Situações de mudança, incerteza ou ameaça relacional tornam-se particularmente propícias ao conflito, por aumentarem a ansiedade e reduzirem a capacidade de negociação e autorregulação (Cunha & Leitão, 2021).

Neste enquadramento, a psicopatia destaca-se como um traço de personalidade particularmente relevante para a gestão de conflito. Ten Brinke et al. (2015) demonstram que indivíduos com níveis mais elevados de psicopatia tendem a adotar uma orientação mais autocentrada, privilegiando o ganho pessoal em detrimento da cooperação. Estes indivíduos revelam menor empatia e menor sensibilidade às necessidades do outro, o que pode comprometer estratégias construtivas e favorecer respostas mais competitivas ou instrumentais.

Uzieblo et al. (2022) aprofundam esta relação ao mostrarem que a psicopatia influencia a forma como os indivíduos gerem conflitos nas relações íntimas, incluindo maior probabilidade de agressividade psicológica, violência verbal e dificuldades na negociação. Contudo, os autores salientam que os traços psicopáticos podem coexistir com o uso de negociação, não necessariamente como expressão de cooperação genuína, mas como estratégia instrumental para manter controlo ou estabilidade relacional. Este dado mostra que a gestão de conflito em indivíduos com traços psicopáticos pode assumir formas estratégicas e contextuais, não se reduzindo a respostas abertamente hostis.

De forma convergente, Sutton e Stapleton (2023) indicam que a frieza emocional e os défices de regulação emocional associados à psicopatia se relacionam com menor sensibilidade às necessidades do outro, menor propensão para comportamentos colaborativos e maior probabilidade de respostas rígidas ou agressivas sob pressão emocional. Em contextos organizacionais exigentes, estes défices podem ainda aumentar a vulnerabilidade ao burnout, reduzindo a capacidade de gerir conflitos de forma adaptativa.

Do ponto de vista motivacional e normativo, Yang et al. (2025) demonstram que a psicopatia prediz a forma como os indivíduos respondem a conflitos que envolvem custos pessoais. Indivíduos com níveis mais elevados de psicopatia mostram menor probabilidade de intervir, punir ou confrontar comportamentos injustos quando essa ação implica sacrifício próprio. Esta tendência parece associar-se a maior orientação para os próprios interesses e menor disposição para comportamentos reguladores pró-sociais. De modo complementar, Lin et al. (2025) mostram que variáveis individuais e contextuais, como o self-construal, podem moderar o comportamento interpessoal de indivíduos com traços psicopáticos, favorecendo respostas cooperativas estratégicas ou comportamentos exploratórios consoante o contexto e os benefícios esperados.

Por fim, Pires (2022) introduz uma leitura particularmente pertinente ao abordar a psicopatia funcional na gestão de conflitos organizacionais. Segundo o autor, o psicopata funcional não apenas responde ao conflito, podendo também gerá-lo e instrumentalizá-lo como estratégia de poder. Nestes casos, o conflito pode ser utilizado para criar ambiguidade, medo, pressão emocional e controlo, explorando hierarquias e interesses divergentes em benefício próprio. Assim, o conflito deixa de ser apenas uma situação a gerir e passa a constituir um recurso estratégico de dominação.

Em síntese, os fatores individuais desempenham um papel central na forma como os conflitos são interpretados, vividos e geridos. Personalidade, empatia, regulação emocional, valores e orientação motivacional influenciam a escolha de estratégias mais cooperativas, evitantes, dominantes ou instrumentais. No caso da psicopatia, a evidência sugere maior tendência para estilos de gestão de conflito autocentrados, competitivos ou exploratórios, com implicações relevantes para a qualidade das relações interpessoais e para o funcionamento organizacional.

1.3. A Relação entre Psicopatia e Gestão de Conflitos

1.3.1. Traços psicopáticos e comportamento interpessoal

A investigação contemporânea tem demonstrado que os traços psicopáticos se associam a padrões de comportamento interpessoal marcados por dominação, exploração e instrumentalização do outro. Estes padrões tendem a envolver baixa empatia, frieza emocional, manipulação estratégica e reduzida reciprocidade afetiva, influenciando a forma como os indivíduos se relacionam, comunicam e gerem situações de tensão ou conflito (Almas & Lordos, 2025; Sekhar & Uppal, 2023).

Neste enquadramento, Almas e Lordos (2025) sublinham que indivíduos com níveis elevados de psicopatia tendem a utilizar as relações interpessoais como meios para alcançar objetivos pessoais, explorando vulnerabilidades alheias de forma racional e calculada. Esta orientação não parece resultar de uma incapacidade total de compreender o outro, mas antes de uma ausência de investimento emocional genuíno, comprometendo vínculos baseados na confiança, na empatia e na cooperação. Esta dissociação é particularmente relevante em contextos de conflito, pois pode favorecer respostas coercivas, estratégicas e menos orientadas para a resolução construtiva.

A literatura reforça esta leitura ao mostrar que, entre os traços da *Dark Triad*, a psicopatia surge frequentemente associada a comportamentos interpessoais mais agressivos, dominantes e coercivos. Furtado et al. (2024) indicam que este traço se relaciona com táticas destrutivas de conflito, incluindo agressão psicológica e física, bem como menor propensão para negociar de forma cooperativa. De modo convergente, Körner et al. (2025) demonstram que a psicopatia prediz agressão psicológica, tensão relacional e tentativas de dominação das interações, sobretudo quando os indivíduos percecionam baixo poder ou controlo no contexto social.

No contexto organizacional, Boddy (2014) descreve os psicopatas corporativos como líderes que expressam traços clássicos da psicopatia, como ausência de empatia, grandiosidade, mentira patológica e charme superficial, adaptando-os ao ambiente empresarial. Estes indivíduos podem utilizar a frieza emocional e a astúcia estratégica para ascender hierarquicamente, frequentemente com custos para o bem-estar das equipas e para a estabilidade relacional. Cesar e Lopes (2024) reforçam esta perspetiva ao mostrarem que, em contexto corporativo, indivíduos com traços psicopáticos podem gerar climas de tensão, rivalidade e instabilidade, recorrendo a práticas como divisão deliberada de equipas, criação de bodes expiatórios, alianças superficiais, disseminação de rumores, exposição seletiva de erros alheios e intimidação encoberta. Estas estratégias favorecem o controlo da narrativa interna e a manutenção de poder, contribuindo para conflitos persistentes e ambientes organizacionais deteriorados.

A nível interpessoal, Ten Brinke et al. (2015) demonstram que indivíduos com níveis elevados de psicopatia tendem a apresentar um estilo mais predatório, manipulativo e competitivo, partindo frequentemente do pressuposto de que os outros são hostis, manipuláveis ou motivados por interesses egoístas. Esta perceção enviesada pode alimentar ciclos de desconfiança, confronto e instrumentalização. No mesmo sentido,

Uzieblo et al. (2022) evidenciam que traços psicopáticos, sobretudo quando percebidos pelo parceiro, se associam a menor proximidade emocional, menor identidade relacional, dificuldades na resolução de conflitos e maior agressão psicológica. Sutton e Stapleton (2023) acrescentam que estes indivíduos tendem a manter relações mais frias e egocêntricas, sendo a ausência de empatia um mecanismo central na deterioração da qualidade relacional e na escalada de conflitos.

No domínio das relações amorosas, Forth et al. (2021) descrevem padrões específicos de comportamento interpessoal associados à psicopatia, incluindo agressão psicológica, desvalorização do parceiro, *gaslighting*, distorção deliberada da comunicação e escalada emocional como estratégia de controlo. Segundo os autores, os conflitos podem ser provocados ou intensificados com o objetivo de obter poder relacional, testar limites ou fragilizar emocionalmente o outro, resultando em relações marcadas por desgaste, instabilidade e assimetria afetiva.

Outros mecanismos psicológicos ajudam a explicar estes padrões. Burghart et al. (2024) demonstram que a baixa empatia dificulta a resolução cooperativa de conflitos, enquanto a alexitimia compromete a perceção emocional e pode aumentar mal-entendidos interpessoais. A supressão emocional, por sua vez, associa-se a comportamentos mais agressivos e à escalada de tensões. De forma complementar, Stephan et al. (2023) verificam que indivíduos com níveis mais elevados de psicopatia apresentam défices em componentes do *Psychological Capital*, como resiliência, autoeficácia, esperança e otimismo, favorecendo padrões de interação menos adaptativos, mais reativos e menos cooperativos.

Do ponto de vista motivacional, Palmen et al. (2021) sublinham que a psicopatia se associa a uma orientação para a dominação, em detrimento da afiliação ou da realização baseada no mérito. Estes indivíduos tendem a encarar as interações sociais como arenas de poder, privilegiando controlo, superioridade e influência sobre cooperação e reciprocidade. Esta leitura é coerente com Rosequist e Kromka (2024), que mostram que indivíduos com traços psicopáticos podem recorrer a táticas como charme instrumental, coerção e *silent treatment*, revelando flexibilidade estratégica na regulação do comportamento interpessoal em função dos seus interesses.

A investigação de Sekhar e Uppal (2023, 2024) reforça empiricamente esta perspetiva ao demonstrar que o *dark core* da personalidade, no qual a psicopatia assume

um papel central, prediz exploração interpessoal tanto ao nível disposicional como situacional. Estes indivíduos podem adaptar o comportamento exploratório em função da recompensa esperada e da relação com o outro, revelando menor sensibilidade a normas de reciprocidade, confiança e equidade em contextos de negociação. Resultados convergentes são apresentados por Hauser et al. (2023), que mostram que níveis elevados de psicopatia se associam a padrões interpessoais marcados por egoísmo, exploração e baixa reciprocidade em interações sociais estruturadas.

Embora não se centre especificamente na psicopatia, o estudo de Christmann et al. (2024) fornece suporte adicional à ideia de que os traços de personalidade influenciam a percepção, vivência e gestão do conflito organizacional. Este contributo é relevante para a presente tese, ao sustentar a análise dos traços psicopáticos como variáveis associadas aos estilos de gestão de conflito. Em articulação com esta perspetiva, Cunha e Leitão (2021) permitem integrar estes traços na compreensão da gestão do conflito, ao enfatizarem a importância da empatia, da regulação emocional, da orientação relacional e do uso do poder na construção de respostas mais ou menos cooperativas.

Em síntese, os padrões interpessoais associados à psicopatia, manipulação, frieza emocional, dominação, exploração e baixa reciprocidade, aproximam-se teoricamente dos estilos de gestão de conflito mais competitivos, coercivos e instrumentalizados. Esta convergência permite articular os modelos clássicos de conflito com a literatura sobre traços de personalidade disfuncionais, sustentando a pertinência de analisar, na presente investigação, de que forma as dimensões da psicopatia se associam aos diferentes estilos de gestão de conflito.

1.3.2. Estilos de conflito associados a traços psicopáticos

Estudos sugerem que os traços psicopáticos se associam a padrões específicos de gestão de conflito, marcados por uma orientação instrumental, autocentrada e orientada para a manutenção ou reforço do poder interpessoal. Neste sentido, a psicopatia tende a aproximar-se de estilos mais competitivos, dominantes e coercivos, bem como de estratégias menos cooperativas, sobretudo quando o conflito é percebido como oportunidade para obter vantagem ou preservar controlo sobre a interação (Almas & Lordos, 2025; Boddy, 2014; Furtado et al., 2024; Körner et al., 2025).

Almas e Lordos (2025) sublinham que indivíduos com traços psicopáticos tendem a encarar as relações interpessoais de forma instrumental, o que torna menos provável a

adoção de estratégias genuinamente cooperativas ou integrativas. A ausência de empatia, a frieza emocional e a orientação para o benefício próprio podem dificultar a consideração dos interesses do outro e favorecer respostas centradas na imposição, manipulação ou controle. Esta leitura é coerente com Furtado et al. (2024), que associam a psicopatia a táticas destrutivas de conflito, incluindo agressão psicológica, coerção e violência física.

No contexto organizacional, Boddy (2014) e Cesar e Lopes (2024) evidenciam que indivíduos com traços psicopáticos podem contribuir para níveis mais elevados de conflito, *bullying* e comportamentos contraprodutivos. Estes autores descrevem estratégias como manipulação, criação de rivalidades, alianças superficiais, intimidação encoberta e exposição seletiva de erros alheios, traduzindo uma gestão de conflito marcada pela instrumentalização dos outros e pela procura de domínio. De forma convergente, Körner et al. (2025) demonstram que indivíduos com elevada psicopatia, sobretudo quando percebem baixo poder, tendem a adotar respostas mais agressivas e coercivas, interpretando o conflito como ameaça ao seu estatuto ou controle.

A evidência empírica sobre negociação e estilos de conflito reforça esta associação. Ten Brinke et al. (2015) mostram que indivíduos com traços psicopáticos tendem a privilegiar estratégias competitivas, procurando maximizar o ganho próprio, mesmo quando isso prejudica a relação ou os resultados conjuntos. Embora possam produzir vantagens imediatas em contextos distributivos e de curto prazo, estas estratégias tendem a ser menos eficazes quando o sucesso depende de confiança, cooperação e construção de soluções mutuamente benéficas. Na mesma linha, Rosequist e Kromka (2024) verificaram que traços sombrios da personalidade, incluindo a psicopatia, se associam a estilos de conflito mais dominantes, reforçando a ligação entre psicopatia e respostas orientadas para imposição e controle.

No domínio das relações íntimas, Uzieblo et al. (2022), Sutton e Stapleton (2023) e Forth et al. (2021) descrevem padrões relacionais marcados por frieza emocional, manipulação, agressão psicológica e menor proximidade afetiva. Estes resultados sugerem que, em contextos relacionais, os traços psicopáticos podem comprometer estilos de conflito mais integrativos ou orientados para o compromisso, favorecendo estratégias centradas no controle emocional do outro, na escalada do conflito ou na manutenção de assimetrias de poder.

A investigação de Sekhar e Uppal (2023, 2024) aprofunda esta leitura ao demonstrar que o dark core da personalidade, no qual a psicopatia assume um papel central, prediz exploração interpessoal em contextos disposicionais e situacionais. Em situações de negociação, estes indivíduos revelam menor sensibilidade a normas de reciprocidade, confiança e equidade, adaptando o comportamento em função da recompensa esperada e dos ganhos pessoais. Resultados convergentes são apresentados por Hauser et al. (2023), que associam níveis elevados de psicopatia a padrões de egoísmo, exploração e baixa reciprocidade em interações sociais estruturadas.

Embora não se centre especificamente na psicopatia, Christmann et al. (2024) reforçam que traços de personalidade influenciam a percepção, vivência e gestão do conflito organizacional. Esta ideia articula-se com Cunha e Leitão (2021), que salientam a importância da empatia, da regulação emocional, da orientação relacional e do uso do poder na gestão construtiva do conflito. Assim, traços psicopáticos, ao envolverem baixa empatia, frieza emocional e orientação para o domínio, podem dificultar estratégias como a Integração e o Compromisso, aproximando-se de respostas dominantes, competitivas ou instrumentalizadas.

Em síntese, os estilos de conflito associados à psicopatia parecem refletir menor orientação para a cooperação e maior tendência para estratégias de dominação, exploração e controlo. Esta articulação entre a literatura sobre psicopatia e os modelos de gestão de conflito reforça a pertinência da presente investigação, ao permitir analisar a associação entre as dimensões da psicopatia e os diferentes estilos de gestão de conflito.

1.3.3. Psicopatia, poder e dominação nas relações interpessoais

Investigações evidenciado que a relação entre traços psicopáticos e dinâmicas de poder é central para compreender padrões de dominação, exploração interpessoal e gestão disfuncional de conflito (Almas & Lordos, 2025; Palmen et al., 2021; Pires, 2022). O poder, mais do que um recurso estrutural externo, pode funcionar como contexto facilitador da expressão de características psicopáticas, ao oferecer oportunidades para controlo, influência e instrumentalização das relações (Boddy, 2014; Cesar & Lopes, 2024; Körner et al., 2025). Neste sentido, a psicopatia tende a manifestar-se de forma particularmente problemática quando associada a posições de autoridade, assimetrias relacionais ou contextos competitivos.

Almas e Lordos (2025) salientam que a combinação entre poder e traços psicopáticos pode intensificar dinâmicas de dominação e exploração, sobretudo em contextos hierárquicos. A capacidade de manipular emoções, controlar narrativas e utilizar relações como meios para atingir objetivos pessoais confere a estes indivíduos uma vantagem estratégica aparente, mas compromete o equilíbrio ético e relacional das interações, favorecendo estilos de liderança autoritários, tensão, desconfiança e instabilidade relacional.

No domínio das relações íntimas, Furtado et al. (2024) demonstram que os traços psicopáticos podem funcionar como mecanismos de poder e controlo, utilizados para dominar o parceiro e manter vantagem relacional. Esta dinâmica pode manifestar-se através de táticas de retenção do parceiro, comportamentos possessivos, punições, ciúme instrumental e respostas emocionalmente intensas, aumentando o risco de violência psicológica e física. De forma convergente, Forth et al. (2021) identificam padrões de controlo coercivo, exploração de fragilidades emocionais, isolamento social, manipulação afetiva, vigilância comportamental e alternância entre afeto e abuso, que contribuem para ciclos de dependência, submissão e desgaste emocional.

Em contexto organizacional, Boddy (2014), Cesar e Lopes (2024) e Körner et al. (2025) mostram que indivíduos com traços psicopáticos podem utilizar o conflito como ferramenta de dominação, recorrendo à manipulação, coerção, intimidação, criação de rivalidades, alianças superficiais, disseminação de rumores e exposição seletiva de erros alheios. Estes comportamentos visam reforçar poder, enfraquecer potenciais rivais e compensar vulnerabilidades percebidas, sobretudo quando os indivíduos com elevada psicopatia percecionam baixo poder ou controlo.

Esta lógica de dominação estende-se a contextos interpessoais mais amplos. Ten Brinke et al. (2015) mostram que os traços psicopáticos podem facilitar o desempenho em interações competitivas, nas quais manipulação, assertividade excessiva e frieza emocional podem ser interpretadas como competências estratégicas. Contudo, em situações que exigem negociação colaborativa, tomada de perspetiva e confiança mútua, estes mesmos traços tendem a comprometer os resultados relacionais e organizacionais, contribuindo para relações assimétricas, comportamentos exploratórios e deterioração da confiança.

No domínio relacional, Uzieblo et al. (2022) demonstram que parceiros com traços psicopáticos tendem a exercer dinâmicas de poder assimétricas, marcadas por controlo, dominação subtil e manipulação emocional, comprometendo a autonomia, a identidade relacional e a resolução de conflitos. De forma complementar, Sutton e Stapleton (2023) salientam que os défices emocionais associados à psicopatia favorecem ambientes sociais e profissionais mais tensos, com menor cooperação e maior desgaste emocional.

A importância do contexto é reforçada por Stephan et al. (2023), ao sugerirem que o impacto da psicopatia varia consoante as características do ambiente organizacional. Em contextos competitivos ou orientados para o risco, alguns traços psicopáticos podem ser mais tolerados ou valorizados, enquanto noutros setores se associam a maior conflito, menor cooperação e redução do bem-estar. Esta leitura é coerente com Burghart et al. (2024), que mostram que défices de consciência emocional, baixa empatia e dificuldades de regulação afetiva podem facilitar comportamentos manipulativos e práticas dominantes, com implicações para relações de poder, negociação e mediação interpessoal.

Hare et al. (2022) ampliam esta análise ao demonstrar que indivíduos com traços psicopáticos podem ser particularmente eficazes em contextos institucionais violentos ou altamente hierarquizados, utilizando ideologia, autoridade e estruturas formais de poder para legitimar comportamentos extremos. A dimensão moral e estratégica destes comportamentos é também evidenciada por Yang et al. (2025), ao mostrarem que a menor tendência para punir ou confrontar injustiças se associa sobretudo a motivações egoístas, e por Lin et al. (2025), que demonstram que comportamentos aparentemente pró-sociais podem resultar de avaliações estratégicas de custos e benefícios, e não de preocupação moral genuína.

Palmen et al. (2021) defendem que a necessidade de dominação constitui um mecanismo explicativo central da associação entre psicopatia e liderança. Cargos hierárquicos oferecem oportunidades para o exercício de controlo e autoridade, podendo tornar-se particularmente atrativos para indivíduos com elevados níveis de psicopatia. Apesar de poderem demonstrar competências superficiais de liderança, a motivação subjacente à dominação associa-se a riscos como abuso de poder, agressão instrumental e deterioração do clima relacional e organizacional.

Sekhar e Uppal (2023, 2024) acrescentam o papel paradoxal da confiança, tradicionalmente entendida como fator protetor, mas que pode funcionar como amplificador da exploração quando combinada com traços psicopáticos elevados. Indivíduos com níveis elevados de dark core e elevada confiança disposicional podem utilizar a confiança para identificar vulnerabilidades e maximizar ganhos pessoais, sacrificando relações interpessoais em favor de recompensas imediatas, ainda que com custos posteriores, como conflitos recorrentes e quebra de confiança.

Por fim, Hauser et al. (2023) sublinham a sensibilidade contextual dos indivíduos com elevados níveis de psicopatia, que ajustam o comportamento em função das oportunidades de poder, controlo ou retaliação. De forma convergente, Pires (2022) interpreta a psicopatia funcional como uma estratégia de dominação organizacional, alertando para a confusão entre liderança e manipulação, bem como para a valorização institucional de comportamentos antiéticos quando estes produzem resultados imediatos.

Em conjunto, a literatura sugere que a psicopatia, quando articulada com dinâmicas de poder, pode potenciar padrões de dominação, exploração e gestão disfuncional de conflito. Esta relação é particularmente relevante para a presente investigação, ao permitir compreender por que razão traços como manipulação interpessoal, insensibilidade afetiva, impulsividade e comportamento antissocial podem associar-se a estilos de gestão de conflito mais dominantes, competitivos ou instrumentalizados, com consequências para o bem-estar relacional, organizacional e social.

Parte II

Estudo Empírico

Capítulo II – Método

2.1. Introdução

No presente estudo, adotou-se uma abordagem quantitativa, considerada particularmente adequada para a análise das relações entre variáveis e para a obtenção de dados passíveis de tratamento estatístico. Neste sentido, recorreu-se à aplicação de um inquérito por questionário *online*, um dos métodos mais utilizados em estudos de grande escala, uma vez que permite recolher informação de um número alargado de participantes de forma eficiente e sistematizada.

De acordo com Sá et al. (2021), este tipo de instrumento possibilita a quantificação dos dados obtidos, viabilizando a realização de análises estatísticas, bem como a formulação de inferências e eventuais generalizações acerca do fenómeno em estudo.

2.2. Objetivos

O objetivo geral desta investigação é aprofundar a compreensão da forma como as diferentes dimensões da psicopatia se relacionam com os estilos de gestão de conflito.

Assim, o presente estudo tem como objetivos específicos:

- Analisar os níveis de psicopatia, considerando as dimensões de Manipulação Interpessoal (MI), Insensibilidade Afetiva (IA), Estilo de Vida Desviante (EVD) e Comportamento Antissocial (CA);
- Analisar os estilos de gestão de conflito, nomeadamente Integração, Anuência, Dominação, Evitação e Compromisso;
- Avaliar diferenças nas dimensões da psicopatia e nos estilos de gestão de conflito em função de algumas variáveis sociodemográficas selecionadas;
- Explorar as relações entre as dimensões da psicopatia e os diferentes estilos de gestão de conflito;
- Verificar o poder preditivo das dimensões da psicopatia sobre os estilos de gestão de conflito.

2.3. Participantes

A amostra do presente estudo foi constituída por 724 participantes portugueses, residentes em Portugal, com idades compreendidas entre os 18 e os 82 anos ($M = 37,04$; $DP = 14,91$), selecionados de acordo com critérios de inclusão e exclusão previamente

definidos. Como critérios de inclusão, consideraram-se indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, de nacionalidade portuguesa, residentes em Portugal e provenientes de diferentes áreas académicas e profissionais; foram excluídos participantes com idade inferior a 18 anos, sem nacionalidade portuguesa ou sem residência em Portugal. Foram consideradas as variáveis sexo e género, de modo a contemplar, respetivamente, a dimensão biológica e identitária dos participantes. Quanto ao sexo, a maioria era do sexo feminino (67,9%), sendo os restantes do sexo masculino (32,1%). No que concerne ao género, verificou-se uma predominância de participantes que se identificavam com o género feminino (68,1%), seguindo-se o género masculino (31,5%) e participantes não binários (0,4%). A maioria dos participantes era solteira (53,7%), não tinha filhos (61,2%), possuía ensino superior (69,9%) e encontrava-se empregada (68,4%). Relativamente ao setor de atividade, destacaram-se as Ciências Sociais Aplicadas (18,5%) e as Ciências Humanas (18,1%), seguidas das Ciências da Saúde (12,6%) e das Engenharias (8,0%), sendo ainda identificados participantes sem setor de atividade definido (11,9%). Por fim, 52,2% dos participantes referiram já ter exercido funções de liderança, enquanto 47,8% indicaram não possuir essa experiência. Todos os dados sociodemográficos da amostra podem ser consultados na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Variável	<i>n</i>	%
Sexo		
Feminino	492	67,9
Masculino	232	32,1
Género		
Feminino	493	68,1
Masculino	228	31,5
Não binário	3	0,4
Estado civil		
Solteiro/a	389	53,7
Casado/a / União de facto	273	37,7
Divorciado/a / Separado/a	54	7,5
Viúvo/a	8	1,1
Filhos		
Não	443	61,2
Sim	281	38,8

Variável	<i>n</i>	%
Habilitações literárias		
Ensino básico	24	3,3
Ensino secundário	194	26,8
Ensino superior	506	69,9
Situação profissional		
Empregado/a	495	68,4
Estudante	137	18,9
Desempregado/a	51	7,0
Reformado/a	41	5,7
Sector de atividade		
Ciências Sociais Aplicadas	134	18,5
Ciências Humanas	131	18,1
Ciências da Saúde	91	12,6
Engenharias	58	8,0
Sem setor definido	86	11,9
Experiência de liderança		
Não	346	47,8
Sim	378	52,2

Nota: $N = 724$; Idade: $M = 37,04$; $DP = 14,91$; amplitude = 18 - 82 anos.

2.4. Instrumentos

A recolha de dados foi realizada através de um questionário online, composto por uma secção de caracterização sociodemográfica e por dois instrumentos de avaliação psicológica validados.

Informação sociodemográfica. Esta secção permitiu recolher dados para a descrição e caracterização da amostra. Os participantes responderam a questões relativas ao género, idade, estado civil, existência e número de filhos, habilitações literárias, situação profissional e setor de atividade. Foi ainda incluída uma questão sobre a experiência prévia em cargos de liderança, de natureza profissional ou não.

Escala de Autoavaliação da Psicopatia (SRP-III). A Escala de Autoavaliação da Psicopatia (SRP-III) foi desenvolvida por Cooke e Michie (2001) e Levenson et al. (1995), sendo a versão mais recente da autoria de Paulhus et al. (2009), posteriormente adaptada para a população portuguesa por Sousa et al. (2017). Este instrumento é constituído por 64 itens, distribuídos por quatro dimensões da psicopatia, de acordo com

o modelo de Hare: Manipulação Interpessoal (MI) (e.g., "Já fingi ser outra pessoa para conseguir algo"), Insensibilidade Afetiva (IA) (e.g., "Por vezes, deixo de ligar a amigos quando já não preciso deles"), Estilo de Vida Desviante (EVD) (e.g., "Raramente sigo as regras") e Comportamento Antissocial (CA) (e.g., "Já fui condenado(a) por cometer um crime grave"), com 16 itens em cada dimensão. As respostas são dadas numa escala de tipo Likert de cinco pontos, em que 1 corresponde a desacordo total e 5 a acordo total. O instrumento apresenta elevada consistência interna, com um alfa de Cronbach de .91, bem como adequada validade convergente, evidenciada através de correlações com outras medidas utilizadas na avaliação da psicopatia (Sousa et al., 2017). A SRP-III destina-se à avaliação de indivíduos adultos e tem sido utilizada em diferentes contextos, incluindo populações clínicas, forenses e da comunidade.

Inventário de Gestão de Conflitos (ROCI-II). O Rahim Organizational Conflict Inventory-II (ROCI-II), desenvolvido por Rahim (2003) e adaptado para a população portuguesa por Cunha et al. (2003), é constituído por 28 itens, baseados no modelo bidimensional de Rahim e Bonoma (1979). O instrumento contempla cinco estilos de gestão de conflito: Integração, Anuência, Dominação, Evitação e Compromisso. Os itens são avaliados numa escala de tipo Likert de cinco pontos, variando entre 1, Discordo fortemente, e 5, Concordo fortemente, permitindo aos participantes indicar a forma como tendem a agir perante situações de conflito.

2.5. Procedimentos

Após a obtenção da autorização da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa (CE: FCHS/PI - 768/25, de 26 de novembro de 2025), procedeu-se à recolha de dados. O protocolo de investigação foi disponibilizado em formato online, através da plataforma Google Forms, com o objetivo de facilitar a participação e alcançar um número alargado de respostas.

A recolha decorreu entre o início de fevereiro de 2026 e o final de março de 2026, tendo o questionário sido divulgado online, nomeadamente através de redes sociais e de contactos pessoais e profissionais da investigadora. A amostragem utilizada foi não probabilística, recorrendo ao método *snowball*. O link do estudo foi inicialmente partilhado junto de um grupo de contactos da investigadora, sendo solicitado aos participantes que o divulgassem junto de outros adultos das suas redes pessoais e profissionais.

Numa fase inicial, foi apresentado o consentimento informado, no qual constavam os objetivos do estudo, os critérios de inclusão, o caráter voluntário da participação e as condições de proteção dos dados, nomeadamente o anonimato e a confidencialidade. Foram também disponibilizados os contactos da investigadora. O acesso ao questionário encontrava-se condicionado à aceitação do consentimento informado, assinalada pelos participantes no formulário online.

Após esta etapa, os participantes preencheram a secção de caracterização sociodemográfica e, posteriormente, responderam à Escala de Autoavaliação da Psicopatia (SRP-III) e ao Inventário de Gestão de Conflitos de Rahim (ROCI-II), nas suas versões portuguesas. As respostas foram automaticamente registadas numa base de dados em formato Excel, gerada pela plataforma Google Forms, sendo o acesso à mesma restrito à investigadora. Após a obtenção do número de respostas pretendido, o questionário foi encerrado.

Durante todo o processo de investigação, foram assegurados os princípios éticos fundamentais, incluindo a proteção do anonimato e da confidencialidade dos dados, o direito à participação voluntária, a possibilidade de desistência e o tratamento justo e equitativo dos participantes, sendo estes devidamente esclarecidos sobre os objetivos, a natureza e os procedimentos do estudo.

Após a recolha dos dados, procedeu-se à análise estatística com recurso ao software IBM SPSS Statistics, versão 31. Numa fase inicial, foi realizada a análise descritiva das variáveis sociodemográficas, de modo a caracterizar a amostra. Posteriormente, foram calculadas estatísticas descritivas para as variáveis em estudo, nomeadamente médias, valores mínimos e máximos e desvios-padrão. Para a análise das diferenças em função das variáveis sociodemográficas, foram utilizados testes t para amostras independentes nas variáveis dicotómicas e análises de variância (ANOVA) nas variáveis com mais de dois grupos. Para analisar as relações entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson. Por fim, para verificar o poder preditivo das dimensões da psicopatia sobre os estilos de gestão de conflito, foram realizadas regressões lineares múltiplas. Em todas as análises estatísticas, foi considerado um nível de significância de $p < .05$.

Capítulo 3 – Resultados

3.1. Caracterização dos níveis da psicopatia e dos estilos de gestão de conflito na amostra

No que respeita às dimensões da psicopatia, os valores médios mais elevados registaram-se no Estilo de Vida Desviante ($M = 37,20$; $DP = 8,39$) e na Insensibilidade Afetiva ($M = 36,63$; $DP = 7,22$), seguindo-se a Manipulação Interpessoal ($M = 35,46$; $DP = 7,92$). O Comportamento Antissocial apresentou a média mais baixa ($M = 23,01$; $DP = 7,55$), sugerindo menor expressão de comportamentos antissociais explícitos na amostra.

Quanto aos estilos de gestão de conflito, a Integração foi o estilo mais utilizado pelos participantes ($M = 27,23$; $DP = 3,04$), evidenciando uma tendência para abordagens cooperativas e orientadas para a resolução conjunta de problemas. Seguiram-se a Evitação ($M = 17,93$; $DP = 4,46$) e a Anuência ($M = 17,82$; $DP = 3,82$), com valores médios semelhantes, sugerindo o recurso a estratégias mais passivas ou de acomodação em determinados contextos. O Compromisso apresentou uma média de 15,70 ($DP = 1,88$), enquanto a Dominação registou o valor médio mais baixo ($M = 13,34$; $DP = 3,71$), indicando menor tendência para abordagens competitivas. As estatísticas descritivas da SRP-III e do ROCI-II podem ser consultadas na Tabela 2.

Tabela 2

Médias, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos das dimensões da SRP-III e ROCI-II

Variável	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mín	Máx
Psicopatia (SRP-III)				
Manipulação Interpessoal	35,46	7,92	17	67
Insensibilidade Afetiva	36,63	7,22	18	58
Estilo de Vida Desviante	37,20	8,39	19	62
Comportamento Antissocial	23,01	7,55	16	55
Gestão de conflitos (ROCI-II)				
Integração	27,23	3,04	9	33
Anuência	17,82	3,82	8	29
Dominação	13,34	3,71	4	23
Evitação	17,93	4,46	7	28
Compromisso	15,70	1,88	6	20

Nota: *M* = média; *DP* = desvio padrão; Mín = mínimo; Máx = máximo.

3.2. Diferenças nas dimensões da psicopatia e nos estilos de gestão de conflito em função de variáveis sociodemográficas

Foram analisadas as diferenças nas dimensões da psicopatia e nos estilos de gestão de conflito em função das variáveis sociodemográficas dicotômicas, sexo, existência de filhos e experiência prévia em cargos de liderança, através de testes *t* para amostras independentes.

No que respeita ao sexo, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas em todas as dimensões da psicopatia, com os participantes do sexo masculino a apresentarem valores superiores aos do sexo feminino na Manipulação Interpessoal, $t(722) = 7.28, p < .001$, na Insensibilidade Afetiva, $t(722) = 12.65, p < .001$, no Estilo de Vida Desviante, $t(722) = 9.34, p < .001$, e no Comportamento Antissocial, $t(722) = 5.77, p < .001$. Nos estilos de gestão de conflito, observaram-se diferenças significativas na Integração, $t(722) = -3.05, p = .002$, com valores superiores nas participantes do sexo feminino, e na Dominação, $t(722) = 4.15, p < .001$, com valores superiores nos participantes do sexo masculino. Não se verificaram diferenças significativas na Anuência, $t(722) = -0.07, p = .945$, na Evitação, $t(722) = -1.26, p = .207$, nem no Compromisso, $t(722) = -1.86, p = .063$.

Em função da existência de filhos, verificou-se uma diferença significativa apenas na Manipulação Interpessoal, $t(722) = -2.16, p = .031$, com valores superiores nos participantes sem filhos. Não se observaram diferenças significativas na Insensibilidade Afetiva, $t(722) = 0.07, p = .941$, no Estilo de Vida Desviante, $t(722) = -1.80, p = .072$, nem no Comportamento Antissocial, $t(722) = -0.23, p = .817$. Nos estilos de gestão de conflito, os participantes sem filhos apresentaram valores superiores na Anuência, $t(722) = -4.81, p < .001$, na Dominação, $t(722) = -3.49, p < .001$, e na Evitação, $t(722) = -3.12, p = .002$. Não se verificaram diferenças significativas na Integração, $t(722) = -0.15, p = .884$, nem no Compromisso, $t(722) = 0.37, p = .715$.

Quanto à experiência prévia em cargos de liderança, não se verificaram diferenças significativas em nenhuma dimensão da psicopatia: Manipulação Interpessoal, $t(722) = -1.13, p = .259$, Insensibilidade Afetiva, $t(722) = 0.41, p = .681$, Estilo de Vida Desviante, $t(722) = 1.29, p = .196$, e Comportamento Antissocial, $t(722) = -0.34, p = .733$. Nos estilos de gestão de conflito, observaram-se diferenças significativas na Integração, $t(722) = 2.85, p = .004$, na Anuência, $t(722) = -2.62, p = .009$, na Evitação, $t(722) = -6.47, p < .001$, e no Compromisso, $t(722) = 2.44, p = .015$. Os participantes com experiência prévia

em liderança apresentaram valores superiores na Integração e no Compromisso, e inferiores na Anuência e na Evitação. Não se verificaram diferenças significativas na Dominação, $t(722) = -0.21$, $p = .835$. Os resultados dos testes t para amostras independentes, em função do sexo, da existência de filhos e da experiência prévia em cargos de liderança, encontram-se apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Resultados dos testes t para amostras independentes em função do sexo, da existência de filhos e da experiência em cargos de liderança

Variável	Dimensão/estilo	G1 M (DP)	G2 M (DP)	$t(722)$	p
Sexo	Psicopatia (SRP-III)	Masculino	Feminino		
	Manipulação Interpessoal	38.47 (8.21)	34.03 (7.38)	7.28	< .001
	Insensibilidade Afetiva	41.11 (6.83)	34.52 (6.40)	12.65	< .001
	Estilo de Vida Desviante	41.21 (8.55)	35.31 (7.62)	9.34	< .001
	Comportamento Antissocial	25.31 (8.55)	21.92 (6.77)	5.77	< .001
	Gestão de conflito (ROCI-II)	Masculino	Feminino		
	Integração	26.73 (3.11)	27.47 (2.98)	-3.05	.002
	Anuência	17.81 (3.82)	17.83 (3.83)	-0.07	.945
	Dominação	14.16 (3.92)	12.95 (3.55)	4.15	< .001
	Evitação	17.63 (4.50)	18.07 (4.44)	-1.26	.207
	Compromisso	15.51 (1.88)	15.79 (1.87)	-1.86	.063
Filhos	Psicopatia (SRP-III)	Sim	Não		
	Manipulação Interpessoal	34.66 (7.63)	35.96 (8.07)	-2.16	.031
	Insensibilidade Afetiva	36.65 (6.76)	36.61 (7.51)	0.07	.941
	Estilo de Vida Desviante	36.50 (8.09)	37.65 (8.55)	-1.80	.072
	Comportamento Antissocial	22.93 (7.65)	23.06 (7.49)	-0.23	.817
	Gestão de conflito (ROCI-II)	Sim	Não		
	Integração	27.21 (3.11)	27.24 (2.99)	-0.15	.884
	Anuência	16.98 (3.84)	18.36 (3.72)	-4.81	< .001
	Dominação	12.74 (3.85)	13.72 (3.58)	-3.49	< .001
	Evitação	17.28 (4.27)	18.34 (4.53)	-3.12	.002
	Compromisso	15.73 (1.92)	15.68 (1.85)	0.37	.715
Liderança	Psicopatia (SRP-III)	Sim	Não		
	Manipulação Interpessoal	35.14 (8.04)	35.80 (7.79)	-1.13	.259
	Insensibilidade Afetiva	36.74 (7.01)	36.51 (7.47)	0.41	.681
	Estilo de Vida Desviante	37.59 (8.37)	36.78 (8.40)	1.29	.196
	Comportamento Antissocial	22.92 (7.56)	23.11 (7.54)	-0.34	.733
	Gestão de conflito (ROCI-II)	Sim	Não		
	Integração	27.54 (3.06)	26.90 (2.98)	2.85	.004
	Anuência	17.47 (3.69)	18.21 (3.93)	-2.62	.009

Variável	Dimensão/estilo	G1 <i>M (DP)</i>	G2 <i>M (DP)</i>	<i>t</i> (722)	<i>p</i>
	Dominação	13.31 (3.64)	13.37 (3.80)	-0.21	.835
	Evitação	16.93 (4.49)	19.02 (4.17)	-6.47	< .001
	Compromisso	15.86 (1.96)	15.52 (1.77)	2.44	.015

Nota: Os valores de G1 e G2 correspondem a *M (DP)*. *M* = média; *DP* = desvio-padrão. Sexo: G1 = masculino (*n* = 232), G2 = feminino (*n* = 492); filhos: G1 = sim (*n* = 281), G2 = não (*n* = 443); liderança: G1 = sim (*n* = 378), G2 = não (*n* = 346).

Foram analisadas as diferenças nas dimensões da psicopatia e nos estilos de gestão de conflito em função das variáveis sociodemográficas com mais de dois grupos, nomeadamente habilitações literárias, estado civil e situação profissional, através de análises de variância unifatorial (ANOVA), seguidas de comparações post hoc com correção de Bonferroni, sempre que aplicável.

Em função das habilitações literárias, observaram-se diferenças estatisticamente significativas no Comportamento Antissocial, $F(2, 721) = 10.04$, $p < .001$, e no Compromisso, $F(2, 721) = 4.19$, $p = .015$. Não se verificaram diferenças significativas na Manipulação Interpessoal, $F(2, 721) = 0.10$, $p = .903$, na Insensibilidade Afetiva, $F(2, 721) = 2.40$, $p = .091$, no Estilo de Vida Desviante, $F(2, 721) = 1.52$, $p = .221$, nem nos restantes estilos de gestão de conflito: Integração, $F(2, 721) = 1.57$, $p = .209$, Anuência, $F(2, 721) = 1.25$, $p = .288$, Dominação, $F(2, 721) = 0.38$, $p = .682$, e Evitação, $F(2, 721) = 1.57$, $p = .208$. As comparações post hoc indicaram que os participantes com ensino superior apresentaram valores superiores aos participantes com ensino básico no Compromisso, $p = .014$, e valores inferiores no Comportamento Antissocial, $p = .049$. No Comportamento Antissocial, apresentaram ainda valores inferiores aos participantes com ensino secundário, $p < .001$.

Relativamente ao estado civil, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na Manipulação Interpessoal, $F(3, 720) = 3.73$, $p = .011$, na Insensibilidade Afetiva, $F(3, 720) = 3.03$, $p = .029$, e no Comportamento Antissocial, $F(3, 720) = 3.40$, $p = .017$. Não se observaram diferenças significativas no Estilo de Vida Desviante, $F(3, 720) = 1.72$, $p = .161$. Nos estilos de gestão de conflito, observaram-se diferenças significativas na Anuência, $F(3, 720) = 9.91$, $p < .001$, na Dominação, $F(3, 720) = 6.42$, $p < .001$, e na Evitação, $F(3, 720) = 5.51$, $p < .001$. Não se verificaram diferenças significativas na Integração, $F(3, 720) = 0.06$, $p = .982$, nem no Compromisso, $F(3, 720) = 0.21$, $p = .888$. As comparações post hoc indicaram que os participantes solteiros

apresentaram valores superiores aos casados/união de facto na Manipulação Interpessoal, $p = .043$. Os participantes divorciados/separados apresentaram valores superiores aos viúvos na Insensibilidade Afetiva, $p = .028$, e no Comportamento Antissocial, $p = .043$. Quanto aos estilos de gestão de conflito, os participantes solteiros apresentaram valores superiores aos casados/união de facto e aos divorciados/separados na Anuência, $p < .001$, e na Evitação, $p = .006$ e $p = .016$, respetivamente. Na Dominação, os solteiros apresentaram valores superiores aos casados/união de facto, $p = .017$, e aos viúvos, $p = .005$, enquanto os casados/união de facto apresentaram valores superiores aos viúvos, $p = .045$.

Em função da situação profissional, verificou-se uma diferença estatisticamente significativa na Manipulação Interpessoal, $F(3, 720) = 4.18, p = .006$. Não se observaram diferenças significativas na Insensibilidade Afetiva, $F(3, 720) = 0.82, p = .482$, no Estilo de Vida Desviante, $F(3, 720) = 1.49, p = .217$, nem no Comportamento Antissocial, $F(3, 720) = 1.21, p = .306$. Nos estilos de gestão de conflito, observaram-se diferenças significativas na Anuência, $F(3, 720) = 5.67, p < .001$, e na Dominação, $F(3, 720) = 5.29, p = .001$. Não se verificaram diferenças significativas na Integração, $F(3, 720) = 0.46, p = .712$, na Evitação, $F(3, 720) = 1.72, p = .161$, nem no Compromisso, $F(3, 720) = 0.72, p = .543$. As comparações post hoc indicaram que os estudantes apresentaram valores superiores aos empregados, $p = .015$, e aos reformados, $p = .021$, na Manipulação Interpessoal. Na Anuência, os estudantes apresentaram valores superiores aos empregados, $p < .001$. Na Dominação, os estudantes apresentaram valores superiores aos desempregados, $p = .015$, aos empregados, $p = .013$, e aos reformados, $p = .017$. Os resultados das análises de variância unifatorial em função das habilitações literárias, do estado civil e da situação profissional encontram-se apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Resultados das análises ANOVA em função das habilitações literárias, do estado civil e da situação profissional

Variável	G1 M (DP)	G2 M (DP)	G3 M (DP)	G4 M (DP)	F(gl)	p
Habilitações literárias						
Manipulação Interpessoal	26,21 (2,21)	27,37 (3,13)	27,23 (3,03)	—	0.10 (2,721)	.903
Insensibilidade Afetiva	17,33 (5,20)	17,50 (4,00)	17,97 (3,67)	—	2.40 (2,721)	.091
Estilo de Vida Desviante	13,13 (5,01)	13,16 (3,87)	13,42 (3,59)	—	1.52 (2,721)	.221
Comportamento Antissocial	18,75 (4,67)	18,31 (4,19)	17,74 (4,54)	—	10.04 (2,721)	< .001
Integração	26,21 (2,21)	27,37 (3,13)	27,23 (3,03)	—	1.57 (2,721)	.209

Variável	G1 M (DP)	G2 M (DP)	G3 M (DP)	G4 M (DP)	F(gl)	p
Anuência	17,33 (5,20)	17,50 (4,00)	17,97 (3,67)	—	1.25 (2,721)	.288
Dominação	13,13 (5,01)	13,16 (3,87)	13,42 (3,59)	—	0.38 (2,721)	.682
Evitação	18,75 (4,67)	18,31 (4,19)	17,74 (4,54)	—	1.57 (2,721)	.208
Compromisso	14,67 (2,12)	15,63 (2,03)	15,77 (1,79)	—	4.19 (2,721)	.015
Estado civil						
Manipulação Interpessoal	27,26 (3,15)	27,17 (2,85)	27,26 (3,33)	27,38 (2,33)	3.73 (3,720)	.011
Insensibilidade Afetiva	18,49 (3,70)	17,22 (3,83)	16,37 (3,74)	15,75 (3,73)	3.03 (3,720)	.029
Estilo de Vida Desviante	13,78 (3,67)	12,91 (3,66)	12,93 (3,73)	9,38 (3,62)	1.72 (3,720)	.161
Comportamento Antissocial	18,51 (4,55)	17,36 (4,28)	16,57 (4,34)	18,63 (2,67)	3.40 (3,720)	.017
Integração	27,26 (3,15)	27,17 (2,85)	27,26 (3,33)	27,38 (2,33)	0.06 (3,720)	.982
Anuência	18,49 (3,70)	17,22 (3,83)	16,37 (3,74)	15,75 (3,73)	9.91 (3,720)	< .001
Dominação	13,78 (3,67)	12,91 (3,66)	12,93 (3,73)	9,38 (3,62)	6.42 (3,720)	< .001
Evitação	18,51 (4,55)	17,36 (4,28)	16,57 (4,34)	18,63 (2,67)	5.51 (3,720)	< .001
Compromisso	15,67 (1,91)	15,70 (1,81)	15,89 (2,03)	15,63 (1,85)	0.21 (3,720)	.888
Situação profissional						
Manipulação Interpessoal	26,82 (4,31)	27,29 (2,91)	27,00 (3,20)	27,22 (2,89)	4.18 (3,720)	.006
Insensibilidade Afetiva	18,39 (4,39)	17,50 (3,72)	17,32 (4,20)	18,92 (3,64)	0.82 (3,720)	.482
Estilo de Vida Desviante	12,49 (3,82)	13,23 (3,64)	12,37 (3,87)	14,33 (3,73)	1.49 (3,720)	.217
Comportamento Antissocial	18,25 (4,72)	17,69 (4,37)	18,05 (3,96)	18,64 (4,78)	1.21 (3,720)	.306
Integração	15,59 (2,26)	15,67 (1,85)	16,10 (1,73)	15,72 (1,89)	0.46 (3,720)	.712
Anuência	35,71 (8,32)	35,08 (7,71)	33,27 (5,65)	37,38 (8,79)	5.67 (3,720)	< .001
Dominação	35,59 (7,84)	36,90 (7,20)	36,34 (5,70)	36,13 (7,50)	5.29 (3,720)	.001
Evitação	36,53 (9,81)	37,28 (8,12)	34,85 (7,23)	37,87 (9,03)	1.72 (3,720)	.161
Compromisso	23,16 (9,12)	22,69 (7,19)	23,07 (6,89)	24,07 (8,30)	0.72 (3,720)	.543

Nota: Para as habilitações literárias, G1 = ensino básico, G2 = ensino secundário e G3 = ensino superior. Para o estado civil, G1 = solteiro/a, G2 = casado/a/união de facto, G3 = divorciado/a/separado/a e G4 = viúvo/a. Para a situação profissional, G1 = desempregado/a, G2 = empregado/a, G3 = estudante e G4 = reformado/a. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *gl* = graus de liberdade.

Atendendo ao carácter contínuo da variável idade, foram analisadas as suas associações com as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito, através do coeficiente de correlação de Pearson.

Os resultados evidenciaram correlações negativas e estatisticamente significativas entre a idade e a Manipulação Interpessoal, $r = -.146$, $p < .001$, bem como entre a idade e o Estilo de Vida Desviante, $r = -.138$, $p < .001$. Não se verificaram associações significativas entre a idade e a Insensibilidade Afetiva, $r = -.033$, $p = .372$, nem entre a idade e o Comportamento Antissocial, $r = -.058$, $p = .122$.

No que respeita aos estilos de gestão de conflito, observaram-se correlações negativas e estatisticamente significativas entre a idade e a Anuência, $r = -.187, p < .001$, a Dominação, $r = -.181, p < .001$, e a Evitação, $r = -.099, p = .008$. Não se verificaram associações significativas entre a idade e a Integração, $r = -.051, p = .172$, nem entre a idade e o Compromisso, $r = .032, p = .390$. Os resultados das correlações entre a idade, as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito encontram-se apresentados na Tabela 5.

Tabela 5

Correlações entre a idade, as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito

Variável	<i>r</i> com idade
Psicopatia (SRP-III)	
Manipulação Interpessoal	-.146***
Insensibilidade Afetiva	-.033
Estilo de Vida Desviante	-.138***
Comportamento Antissocial	-.058
Gestão de conflito (ROCI-II)	
Integração	-.051
Anuência	-.187***
Dominação	-.181***
Evitação	-.099**
Compromisso	.032

Nota: $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$.

3.3. Relações entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito

Procedeu-se à análise das associações entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito, através do coeficiente de correlação de Pearson.

Os resultados evidenciaram correlações estatisticamente significativas entre as dimensões da psicopatia e vários estilos de gestão de conflito. De forma geral, observaram-se correlações negativas entre as dimensões da psicopatia e a Integração, destacando-se a Manipulação Interpessoal, $r = -.324, p < .001$, e a Insensibilidade Afetiva, $r = -.277, p < .001$. Também se verificaram associações negativas com o Compromisso, com coeficientes entre $r = -.126$ e $r = -.199, p < .001$, indicando que níveis mais elevados de traços psicopáticos se associaram a menor utilização de estratégias cooperativas e orientadas para a resolução conjunta de problemas.

Por outro lado, verificaram-se correlações positivas entre todas as dimensões da psicopatia e a Dominação, destacando-se a Manipulação Interpessoal, $r = .423, p < .001$, e a Insensibilidade Afetiva, $r = .319, p < .001$. Este padrão sugere que níveis mais elevados de traços psicopáticos se associaram a maior recurso a estratégias de confronto direto, controlo e imposição.

No que respeita à Evitação, observaram-se correlações negativas de baixa magnitude com algumas dimensões da psicopatia, nomeadamente com a Insensibilidade Afetiva, $r = -.129, p < .001$, e com o Estilo de Vida Desviante, $r = -.105, p = .005$, não se verificando associação significativa com o Comportamento Antissocial.

Por fim, a Anuência não apresentou correlações estatisticamente significativas com as dimensões da psicopatia, indicando ausência de associação consistente entre este estilo de gestão de conflito e os traços psicopáticos avaliados. As associações observadas entre as dimensões da SRP-III e do ROCI-II encontram-se apresentadas na Tabela 6.

Tabela 6

Correlações entre as dimensões da SRP-III e do ROCI-II

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Manipulação Interpessoal	—								
2. Insensibilidade Afetiva	.632***	—							
3. Estilo de Vida Desviante	.557***	.527***	—						
4. Comportamento Antissocial	.451***	.408***	.480***	—					
5. Integração	-.324***	-.277***	-.184***	-.225***	—				
6. Anuência	.045	-.063	-.013	.014	.016	—			
7. Dominação	.423***	.319***	.298***	.192***	-.067	.134***	—		
8. Evitação	-.070	-.129***	-.105**	.000	-.013	.471***	-.027	—	
9. Compromisso	-.162***	-.178***	-.126***	-.199***	.465***	.232***	.097**	.093*	—

Nota: $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$.

3.4. Poder preditivo das dimensões da psicopatia sobre os estilos de gestão de conflito

Foram realizadas regressões lineares múltiplas com o objetivo de analisar o poder preditivo das dimensões da psicopatia, Manipulação Interpessoal, Insensibilidade Afetiva, Estilo de Vida Desviante e Comportamento Antissocial, sobre os estilos de gestão de conflito.

No modelo relativo à Integração, verificou-se um efeito estatisticamente significativo, $F(4, 719) = 24.73, p < .001$, explicando 12.1% da variância deste estilo ($R^2 = .121$; R^2 ajustado = .116). A Manipulação Interpessoal, $B = -.091, \beta = -.237, p < .001$, a Insensibilidade Afetiva, $B = -.049, \beta = -.118, p = .013$, e o Comportamento Antissocial, $B = -.039, \beta = -.097, p = .019$, surgiram como preditores negativos significativos, sugerindo que níveis mais elevados destas dimensões se associaram a menor utilização da Integração. O Estilo de Vida Desviante não apresentou um contributo significativo.

Relativamente à Anuência, o modelo também se revelou estatisticamente significativo, $F(4, 719) = 3.01, p = .018$, embora com reduzida capacidade explicativa ($R^2 = .016$; R^2 ajustado = .011). A Manipulação Interpessoal foi um preditor positivo significativo, $B = .069, \beta = .143, p = .006$, enquanto a Insensibilidade Afetiva surgiu como preditor negativo significativo, $B = -.079, \beta = -.150, p = .003$. O Estilo de Vida Desviante e o Comportamento Antissocial não apresentaram significância estatística.

No modelo relativo à Dominação, observou-se um efeito estatisticamente significativo, $F(4, 719) = 41.57, p < .001$, explicando 18.8% da variância ($R^2 = .188$; R^2 ajustado = .183). A Manipulação Interpessoal destacou-se como o único preditor significativo, $B = .163, \beta = .348, p < .001$, indicando que níveis mais elevados desta dimensão se associaram a maior utilização da Dominação. As restantes dimensões não apresentaram contributos estatisticamente significativos.

Quanto à Evitação, o modelo foi estatisticamente significativo, $F(4, 719) = 4.55, p = .001$, explicando 2.5% da variância ($R^2 = .025$; R^2 ajustado = .019). Apenas a Insensibilidade Afetiva se revelou um preditor negativo significativo, $B = -.082, \beta = -.133, p = .008$, sugerindo que níveis mais elevados de frieza afetiva se associaram a menor tendência para evitar situações de conflito. A Manipulação Interpessoal, o Estilo de Vida Desviante e o Comportamento Antissocial não apresentaram significância estatística.

Por fim, o modelo relativo ao Compromisso também se revelou estatisticamente significativo, $F(4, 719) = 9.84, p < .001$, explicando 5.2% da variância ($R^2 = .052$; R^2 ajustado = .047). A Insensibilidade Afetiva, $B = -.027, \beta = -.103, p = .036$, e o Comportamento Antissocial, $B = -.037, \beta = -.149, p < .001$, surgiram como preditores negativos significativos, indicando que níveis mais elevados destas dimensões se associaram a menor utilização do Compromisso. A Manipulação Interpessoal e o Estilo de Vida Desviante não apresentaram contributos significativos.

Em síntese, os modelos de regressão foram estatisticamente significativos para todos os estilos de gestão de conflito, embora com diferentes níveis de variância explicada. A Manipulação Interpessoal destacou-se como preditor da maior Dominação e da menor Integração, enquanto a Insensibilidade Afetiva se associou negativamente à Integração, Anuência, Evitação e Compromisso. O Comportamento Antissocial apresentou contributos negativos na Integração e no Compromisso. Os resultados das regressões lineares múltiplas encontram-se apresentados na Tabela 7.

Tabela 7

Poder preditivo das dimensões da psicopatia sobre os estilos de gestão de conflito

Variável dependente	Preditores	<i>B</i>	<i>EP</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Integração	Constante	32.400	.601	—	53.90	< .001
	Manipulação Interpessoal	-.091	.019	-.237	-4.87	< .001
	Insensibilidade Afetiva	-.049	.020	-.118	-2.50	.013
	Estilo de Vida Desviante	.021	.016	.057	1.26	.209
	Comportamento Antissocial	-.039	.017	-.097	-2.35	.019
Anuência	Constante	18.437	.800	—	23.05	< .001
	Manipulação Interpessoal	.069	.025	.143	2.77	.006
	Insensibilidade Afetiva	-.079	.026	-.150	-3.01	.003
	Estilo de Vida Desviante	-.011	.022	-.024	-0.50	.616
	Comportamento Antissocial	.011	.022	.022	0.50	.620
Dominação	Constante	5.257	.707	—	7.44	< .001
	Manipulação Interpessoal	.163	.022	.348	7.43	< .001
	Insensibilidade Afetiva	.035	.023	.069	1.52	.130
	Estilo de Vida Desviante	.037	.019	.083	1.91	.057
	Comportamento Antissocial	-.016	.020	-.033	-0.82	.411
Evitação	Constante	21.034	.930	—	22.62	< .001
	Manipulação Interpessoal	.015	.029	.026	0.51	.612
	Insensibilidade Afetiva	-.082	.031	-.133	-2.68	.008
	Estilo de Vida Desviante	-.048	.025	-.090	-1.88	.061
	Comportamento Antissocial	.050	.026	.085	1.95	.051
Compromisso	Constante	17.694	.386	—	45.86	< .001
	Manipulação Interpessoal	-.010	.012	-.043	-0.84	.400
	Insensibilidade Afetiva	-.027	.013	-.103	-2.10	.036
	Estilo de Vida Desviante	.005	.011	.023	0.48	.629
	Comportamento Antissocial	-.037	.011	-.149	-3.46	< .001

Nota: Integração: $R^2 = .121$, R^2 ajustado = .116, $F(4, 719) = 24.73$, $p < .001$; Anuência: $R^2 = .016$, R^2 ajustado = .011, $F(4, 719) = 3.01$, $p = .018$; Dominação: $R^2 = .188$, R^2 ajustado = .183, $F(4, 719) = 41.57$, $p < .001$; Evitação: $R^2 = .025$, R^2 ajustado = .019, $F(4,$

719) = 4.55, $p = .001$; Compromisso: $R^2 = .052$, R^2 ajustado = .047, $F(4, 719) = 9.84$, $p < .001$.

Capítulo IV – Discussão

4.1. Interpretação geral dos resultados

Caracterização dos níveis da psicopatia e dos estilos de gestão de conflito

Relativamente às dimensões da psicopatia, os resultados evidenciaram valores médios mais elevados no Estilo de Vida Desviante e na Insensibilidade Afetiva, seguidos da Manipulação Interpessoal, enquanto o Comportamento Antissocial apresentou a média mais baixa. Este padrão sugere que, na presente amostra, os traços psicopáticos se expressaram sobretudo através de características afetivas, interpessoais e de estilo de vida, e menos por comportamentos antissociais explícitos. Esta configuração é coerente com a conceptualização multidimensional da psicopatia proposta por Hare (2013) e Hare et al. (2022), segundo a qual o construto integra dimensões distintas, cuja expressão pode variar em função do contexto e da população analisada.

Este resultado assume particular relevância por se tratar de uma amostra comunitária, não clínica e não forense. A menor expressão do Comportamento Antissocial não deve ser interpretada como ausência de traços psicopáticos, mas como possível indicador de uma manifestação mais subtil e socialmente integrada do construto. Esta leitura aproxima-se das propostas de Almas e Lordos (2025) e Palmen et al. (2021), que salientam que, em contextos não forenses, a psicopatia pode manifestar-se através de frieza emocional, instrumentalização das relações, impulsividade e orientação para o interesse próprio, sem envolver necessariamente comportamentos criminais ou abertamente antissociais.

No que respeita aos estilos de gestão de conflito, a Integração foi o estilo mais utilizado, indicando uma tendência geral para abordagens cooperativas, assentes no diálogo e na procura de soluções mutuamente satisfatórias. Este resultado é consistente com o modelo de Rahim e Bonoma (1979) e com Rahim (2003), nos quais a Integração corresponde ao estilo mais colaborativo, por envolver simultaneamente preocupação com os próprios interesses e com os interesses do outro. Ainda assim, os valores observados na Evitação e na Anuência indicam que os participantes também recorreram a estratégias mais passivas ou acomodativas. Como referem Cunha e Leitão (2021), estes estilos podem reduzir a tensão imediata, preservar a relação ou evitar o confronto direto, embora nem sempre favoreçam uma resolução efetiva do conflito. A Dominação, por sua vez,

apresentou a média mais baixa, sugerindo menor tendência global para respostas competitivas, impositivas ou centradas exclusivamente nos próprios interesses.

Em conjunto, estes resultados apontam para uma amostra que, apesar de apresentar alguma expressão de traços psicopáticos subclínicos, tende globalmente a privilegiar estilos de gestão de conflito mais cooperativos do que dominantes. Esta leitura sugere que a presença de traços psicopáticos não se traduz necessariamente em respostas abertamente destrutivas, dependendo a sua expressão da dimensão específica em causa e do contexto relacional em que o conflito ocorre.

Diferenças em função das variáveis sociodemográficas

Relativamente ao sexo, os participantes do sexo masculino apresentaram valores significativamente superiores em todas as dimensões da SRP-III. Este padrão é coerente com a literatura que aponta para níveis mais elevados de traços psicopáticos nos homens, tanto em contextos forenses como na população geral, abrangendo os domínios interpessoal, afetivo, de estilo de vida e antissocial (Spormann et al., 2023). Ainda assim, estes resultados devem ser interpretados com cautela, não como diferenças deterministas entre sexos, mas como padrões médios que podem refletir a interação entre fatores intrínsecos, processos de socialização, normas de género e formas distintas de expressão dos traços psicopáticos. Embora os homens tenham apresentado valores superiores em todas as dimensões, tal não significa que o construto se manifeste de forma homogênea ou exclusiva no sexo masculino, reforçando antes a necessidade de compreender a psicopatia como um traço contínuo e multidimensional.

No que respeita aos estilos de gestão de conflito, observou-se que as mulheres recorreram mais à Integração, enquanto os homens apresentaram maior recurso à Dominação. Este padrão é coerente com Pinto-Moreira (2021), que refere que, embora não exista um estilo rigidamente associado ao sexo, as mulheres tendem a recorrer mais a estratégias de negociação e a comportamentos menos confrontativos, enquanto os homens podem apresentar maior propensão para respostas competitivas ou assertivas. A ausência de diferenças significativas nos estilos Anuência, Evitação e Compromisso reforça que o sexo não discrimina todas as formas de lidar com o conflito, mas apenas alguns estilos específicos. Assim, os resultados sugerem maior tendência das mulheres para uma abordagem integrativa e maior tendência dos homens para estratégias dominantes, possivelmente associadas a padrões socialmente aprendidos de comunicação

e confronto, bem como à maior expressão de traços psicopáticos observada no grupo masculino.

Relativamente à existência de filhos, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas apenas na Manipulação Interpessoal, com valores superiores nos participantes sem filhos. Este resultado sugere que a parentalidade poderá associar-se a menor expressão de estratégias interpessoais manipulativas, possivelmente devido às exigências emocionais, relacionais e de responsabilidade inerentes ao papel parental. Considerando que a psicopatia se caracteriza, em parte, pela instrumentalização das relações e pela orientação para o interesse próprio (Hare, 2013; Hare et al., 2022), a menor pontuação dos participantes com filhos nesta dimensão pode refletir maior adaptação a contextos que exigem cuidado, compromisso e consideração pelas necessidades do outro.

Esta interpretação deve, contudo, ser assumida com cautela. A existência de filhos não implica necessariamente alterações estruturais nos traços de personalidade, mas pode funcionar como um contexto de regulação comportamental e relacional. A literatura sobre parentalidade mostra que o cuidado parental se associa a exigências de responsividade, responsabilidade interpessoal e regulação emocional (Feldman, 2017), dimensões que podem atenuar, no quotidiano, a expressão de comportamentos mais manipulativos. Esta leitura é compatível com estudos que defendem que a manifestação dos traços psicopáticos pode variar em função do contexto social, dos papéis desempenhados e dos custos ou benefícios associados a determinado comportamento (Lin et al., 2025; Yang et al., 2025).

A ausência de diferenças significativas nas restantes dimensões da psicopatia sugere que a parentalidade não discrimina de forma consistente os componentes afetivos, comportamentais e antissociais do construto. Assim, mais do que indicar menor psicopatia global nos participantes com filhos, os resultados apontam para uma diferença específica na dimensão interpessoal, particularmente na tendência para recorrer a estratégias manipulativas.

Nos estilos de gestão de conflito, os participantes sem filhos apresentaram valores significativamente superiores na Anuência, Dominação e Evitação. Este padrão reúne estratégias distintas, mas potencialmente menos orientadas para uma resolução construtiva do conflito: cedência, imposição e evitamento. Em contraste, os participantes com filhos parecem recorrer menos a estas respostas, o que poderá refletir maior

necessidade de lidar com desacordos de forma regulada e funcional em contextos familiares. Como referem Cunha e Leitão (2021), a gestão de conflito é influenciada por competências emocionais e relacionais, sendo plausível que contextos que exigem negociação frequente, responsabilização e continuidade relacional favoreçam respostas menos extremadas. A ausência de diferenças na Integração e no Compromisso sugere, contudo, que a parentalidade não parece associar-se diretamente a maior utilização de estilos cooperativos, mas antes a menor recurso a estratégias mais passivas ou dominantes.

Relativamente à experiência em cargos de liderança, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões da psicopatia entre participantes com e sem experiência de liderança. Este resultado sugere que, na presente amostra, a liderança não se associou a níveis superiores de traços psicopáticos. Ainda assim, não invalida a discussão sobre psicopatia funcional, uma vez que a literatura tem demonstrado que, em contextos não forenses, estes traços podem manifestar-se de forma subtil, socialmente integrada e dependente das exigências contextuais (Almas & Lordos, 2025; Palmen et al., 2021).

A ausência de diferenças significativas pode indicar que a relação entre psicopatia e liderança não se traduz necessariamente numa maior presença global destes traços entre líderes, mas antes na forma como determinadas características podem ser reguladas ou mobilizadas em contextos específicos. De acordo com Hare (2013) e Hare et al. (2022), a psicopatia é um construto multidimensional, pelo que traços como frieza emocional, assertividade, orientação instrumental ou capacidade de influência podem assumir expressões distintas consoante o papel social desempenhado. Esta leitura aproxima-se da literatura sobre *successful psychopathy*, que descreve indivíduos com traços psicopáticos capazes de manter funcionamento social e ocupacional ajustado, sem envolvimento significativo em comportamentos antissociais explícitos (Gao et al., 2020).

Nos estilos de gestão de conflito, os participantes com experiência de liderança apresentaram maior recurso à Integração e ao Compromisso, e menor utilização da Anuência e da Evitação, não se tendo verificado diferenças significativas na Dominação. Este padrão sugere uma orientação mais ativa e construtiva perante o conflito, marcada pela procura de soluções partilhadas, negociação e menor tendência para evitar situações de tensão, sendo coerente com as exigências da liderança, que frequentemente implicam

lidar com divergências, coordenar interesses distintos e tomar decisões em contextos interpessoais complexos.

Assim, os resultados não permitem afirmar que os participantes com experiência de liderança apresentem maior psicopatia, mas sugerem que a liderança poderá associar-se a formas mais funcionais de gerir o conflito. Em conjunto, estes dados reforçam uma leitura contextual da psicopatia funcional: mais do que a presença ou ausência de traços psicopáticos, importa compreender como estes podem ser expressos, regulados ou neutralizados em função das exigências sociais e profissionais.

Relativamente às habilitações literárias, observaram-se diferenças estatisticamente significativas apenas no Comportamento Antissocial e no Compromisso. Os participantes com ensino superior apresentaram valores inferiores de Comportamento Antissocial comparativamente aos participantes com ensino básico e secundário. Este resultado sugere que níveis mais elevados de escolaridade podem associar-se a menor expressão de comportamentos antissociais explícitos, possivelmente devido a maior integração em contextos institucionais, sociais e profissionais normativos. Esta leitura é compatível com a ideia de que a dimensão antissocial da psicopatia tende a ser mais sensível a fatores contextuais e sociais, distinguindo-se de componentes mais afetivas ou interpessoais do construto (Hare et al., 2022; Pinto et al., 2025).

A ausência de diferenças significativas nas restantes dimensões da psicopatia sugere que as habilitações literárias parecem diferenciar sobretudo a dimensão mais comportamental e normativa da psicopatia, e não necessariamente os traços mais subtis ligados à frieza emocional, à instrumentalização interpessoal ou ao estilo de vida. Esta interpretação aproxima-se de estudos recentes em amostras comunitárias, que mostram que a psicopatia não se expressa de forma uniforme nas suas diferentes facetas e que variáveis sociais podem relacionar-se de modo distinto com cada dimensão do construto (Pinto et al., 2025).

No que respeita à gestão de conflito, os participantes com ensino superior apresentaram valores significativamente superiores de Compromisso em comparação com os participantes com ensino básico. Este resultado sugere que percursos educativos mais prolongados podem favorecer maior tendência para negociar, procurar soluções intermédias e aceitar concessões mútuas em situações de conflito. Esta leitura é parcialmente coerente com Pinto-Moreira (2021), que analisou os estilos de gestão de

conflito em função do nível de escolaridade e destacou a relevância das qualificações académicas na forma como os indivíduos lidam com divergências interpessoais em contexto organizacional. Contudo, a ausência de diferenças nos restantes estilos indica que as habilitações literárias não explicam, por si só, a forma global como os participantes gerem o conflito. Em síntese, os resultados sugerem uma associação específica entre maior escolaridade, menor Comportamento Antissocial e maior tendência para o Compromisso, reforçando a importância de considerar a escolaridade como variável contextual relevante (Cunha & Leitão, 2021; Pinto-Moreira, 2021).

Relativamente ao estado civil, observaram-se diferenças significativas na Manipulação Interpessoal, na Insensibilidade Afetiva e no Comportamento Antissocial. Os participantes solteiros apresentaram valores superiores de Manipulação Interpessoal comparativamente aos participantes casados/união de facto, o que pode sugerir que relações conjugais ou de compromisso estável se associam a menor expressão de estratégias interpessoais manipulativas. Esta leitura é coerente com Benfante et al. (2024), que verificaram níveis mais baixos de traços da *Dark Triad* em participantes casados ou coabitantes, e com estudos que associam traços psicopáticos a menor qualidade relacional, menor confiança e maior dificuldade na manutenção de vínculos íntimos estáveis (Forth et al., 2021; Uzieblo et al., 2022).

Também se verificaram valores superiores de Insensibilidade Afetiva e Comportamento Antissocial nos participantes divorciados/separados, comparativamente aos viúvos. Esta comparação deve ser interpretada com prudência, dado o reduzido número de participantes viúvos na amostra. Ainda assim, pode ser articulada com a literatura que associa traços psicopáticos a maior instabilidade relacional, frieza emocional e padrões de interação mais conflituosos ou manipulativos. Neste sentido, Brewer et al. (2023) demonstraram que a psicopatia predizia estratégias mais manipulativas e distantes na dissolução de relações românticas, reforçando a pertinência destes traços na compreensão de trajetórias relacionais marcadas por separação ou rutura.

No que respeita à gestão de conflito, os participantes solteiros apresentaram valores superiores de Anuência, Dominação e Evitação. Este padrão sugere maior oscilação entre cedência, imposição e afastamento, isto é, estratégias menos centradas numa resolução construtiva e equilibrada do conflito. Como referem Cunha e Leitão (2021), estilos como a Anuência e a Evitação podem reduzir a tensão imediata, mas nem sempre favorecem uma resolução efetiva, enquanto a Dominação tende a privilegiar os

próprios interesses em detrimento da cooperação. Em síntese, o estado civil parece associar-se a diferenças em algumas dimensões da psicopatia e em estilos de gestão de conflito menos cooperativos. Contudo, a ausência de diferenças na Integração e no Compromisso sugere que o estado civil, por si só, não explica a adoção de estratégias claramente construtivas, devendo estes resultados ser compreendidos em articulação com outros fatores, como idade, experiência relacional, contexto interpessoal e características individuais.

Relativamente à situação profissional, observaram-se diferenças significativas apenas na Manipulação Interpessoal, tendo os participantes estudantes apresentado valores superiores aos participantes empregados e reformados. Este resultado sugere que a situação profissional poderá associar-se sobretudo à dimensão interpessoal da psicopatia, e não aos seus componentes afetivos, comportamentais ou antissociais. Esta leitura deve ser assumida com prudência, uma vez que a literatura não permite estabelecer uma explicação direta para a maior pontuação dos estudantes nesta dimensão. Ainda assim, é compatível com estudos em amostras comunitárias que mostram que variáveis sociais e ocupacionais podem relacionar-se de forma distinta com as diferentes facetas da psicopatia, reforçando a importância de analisar o construto de modo multidimensional (Pinto et al., 2025).

Uma possível interpretação é que esta diferença possa refletir características associadas à fase de vida, aos contextos académicos e às formas de interação social próprias deste grupo, onde aspetos como influência interpessoal, competitividade, afirmação pessoal ou procura de estatuto podem tornar-se mais salientes. Contudo, a ausência de diferenças nas restantes dimensões da psicopatia indica que a situação profissional não distingue globalmente os níveis de traços psicopáticos.

Nos estilos de gestão de conflito, os estudantes apresentaram maior Anuência do que os participantes empregados e maior Dominação do que os restantes grupos. Este padrão sugere uma combinação entre maior tendência para acomodação em algumas situações e maior propensão para respostas impositivas noutras, podendo refletir diferenças associadas à fase de vida, à experiência social e profissional ou à forma como diferentes grupos aprendem a regular o confronto interpessoal. Como referem Cunha e Leitão (2021), a gestão de conflito depende de competências relacionais, regulação emocional e experiência interpessoal. Em síntese, a situação profissional parece associar-se a diferenças específicas, mas não globais, quer na psicopatia quer na gestão de conflito.

Os estudantes distinguiram-se por maior Manipulação Interpessoal, maior Anuência face aos empregados e maior Dominação face aos restantes grupos, sugerindo que papéis sociais, contextos institucionais e experiências interpessoais podem influenciar a expressão de determinados traços e estilos de conflito.

Relativamente à idade, observaram-se correlações negativas e estatisticamente significativas com a Manipulação Interpessoal e o Estilo de Vida Desviante, sugerindo que participantes mais velhos tendem a apresentar menor expressão destes traços. Embora fracas, estas associações podem indicar que, com o aumento da idade, certos comportamentos mais impulsivos, estratégicos ou socialmente arriscados se tornam menos salientes. Esta leitura deve, contudo, ser feita com cautela, uma vez que estudos recentes indicam que os traços psicopáticos podem manter relativa estabilidade ao longo do tempo, ainda que a sua expressão se relacione com diferentes dimensões do funcionamento social e relacional (Rose et al., 2025).

A ausência de associações significativas entre a idade e a Insensibilidade Afetiva ou o Comportamento Antissocial sugere que a idade não se relaciona de forma uniforme com todas as dimensões da psicopatia. Os resultados parecem apontar para uma relação mais específica com aspetos interpessoais e de estilo de vida, e não com a dimensão afetiva ou antissocial, reforçando a importância de analisar a psicopatia de forma multidimensional ao longo do ciclo de vida.

No que respeita aos estilos de gestão de conflito, a idade correlacionou-se negativamente com a Anuência, a Dominação e a Evitação. Este padrão sugere que participantes mais velhos tendem a recorrer menos a estratégias de cedência, imposição ou afastamento perante o conflito, o que pode refletir maior experiência interpessoal e maior capacidade de regulação do confronto. Como referem Cunha e Leitão (2021), a gestão de conflito depende não apenas da situação, mas também de competências relacionais, emocionais e comunicacionais desenvolvidas ao longo da experiência social.

Ainda assim, a ausência de associações significativas com a Integração e o Compromisso indica que a idade não se traduz necessariamente numa maior utilização de estratégias cooperativas. Em síntese, os resultados sugerem que a idade parece associar-se sobretudo a uma menor tendência para estilos menos equilibrados de gestão de conflito, mais do que a um aumento direto de estratégias claramente colaborativas.

Associações entre psicopatia e gestão de conflitos

Relativamente às relações entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito, os resultados evidenciaram um padrão globalmente coerente com a literatura. De forma geral, níveis mais elevados de traços psicopáticos associaram-se a menor utilização da Integração e do Compromisso, sugerindo menor predisposição para procurar soluções conjuntas, negociar concessões ou considerar simultaneamente os próprios interesses e os interesses do outro. Esta leitura é consistente com a literatura que caracteriza a psicopatia por uma orientação interpessoal mais instrumental, centrada no interesse próprio, na frieza emocional e na menor preocupação com a reciprocidade relacional (Ten Brinke et al., 2015; Uzieblo et al., 2022; Sekhar & Uppal, 2023).

Por outro lado, verificaram-se correlações positivas entre todas as dimensões da psicopatia e a Dominação, sendo esta associação particularmente evidente na Manipulação Interpessoal. Este resultado sugere que os traços psicopáticos se relacionam de forma mais clara com estilos orientados para o controlo, a imposição e a maximização dos próprios objetivos. Esta tendência é convergente com Rosequist e Kromka (2024), que observaram associações entre traços sombrios da personalidade e estilos de conflito mais dominantes, bem como com Furtado et al. (2024), que relacionaram a psicopatia com estratégias interpessoais mais coercivas e destrutivas em contextos relacionais. Assim, a Dominação parece constituir o estilo de gestão de conflito mais alinhado com o funcionamento psicopático, sobretudo quando predominam características de manipulação, baixa empatia e orientação para o poder.

A relação negativa entre algumas dimensões da psicopatia e a Evitação, embora de baixa magnitude, também merece atenção. Em particular, a Insensibilidade Afetiva e o Estilo de Vida Desviante associaram-se a menor tendência para evitar conflitos, o que pode indicar que indivíduos mais frios emocionalmente ou mais orientados para comportamentos impulsivos tendem a recuar menos perante situações de tensão, possivelmente por experienciarem menor desconforto emocional face ao confronto. Esta interpretação é compatível com a ideia de que a psicopatia não se expressa apenas por agressividade aberta, mas também por menor sensibilidade às consequências emocionais do conflito para si e para os outros (Hare et al., 2022; Burghart et al., 2024).

Por fim, a ausência de associações significativas entre a psicopatia e a Anuência sugere que os traços psicopáticos não se relacionam de forma consistente com a tendência

para ceder perante o outro. Este resultado é teoricamente compreensível, uma vez que a Anuência implica maior consideração pelos interesses alheios, ainda que por vezes de forma passiva, o que contrasta com a orientação mais autocentrada e instrumental associada à psicopatia. Em síntese, os resultados apontam para uma relação clara entre psicopatia e estilos de gestão de conflito menos cooperativos, sobretudo a Dominação, reforçando que as diferentes dimensões da psicopatia não se associam de forma uniforme a todos os estilos de gestão de conflito.

Poder preditivo da psicopatia sobre os estilos de gestão de conflito

Relativamente ao poder preditivo das dimensões da psicopatia sobre os estilos de gestão de conflito, todos os modelos de regressão foram estatisticamente significativos, embora com capacidade explicativa distinta. A variância explicada foi mais elevada para a Dominação e para a Integração, e mais reduzida para a Anuência, Evitação e Compromisso. Este padrão sugere que a psicopatia contribui sobretudo para explicar os estilos situados nos polos mais claros da gestão de conflito: menor tendência para estratégias cooperativas e integrativas, e maior propensão para respostas dominantes.

No caso da Integração, a Manipulação Interpessoal, a Insensibilidade Afetiva e o Comportamento Antissocial foram preditores negativos significativos, sugerindo que indivíduos com maior tendência para manipular, menor responsividade afetiva e maior propensão para comportamentos antissociais apresentam menor predisposição para procurar soluções conjuntas e mutuamente satisfatórias. Esta leitura é coerente com a literatura que associa a psicopatia a uma orientação interpessoal mais instrumental e autocentrada, marcada por menor empatia, menor preocupação com a reciprocidade e maior dificuldade em sustentar estratégias cooperativas (Ten Brinke et al., 2015; Uzieblo et al., 2022; Sekhar & Uppal, 2023).

A Dominação foi o estilo mais explicado pelas dimensões da psicopatia, destacando-se a Manipulação Interpessoal como único preditor significativo. Este resultado sugere que a tendência para influenciar, controlar ou instrumentalizar os outros constitui a dimensão mais diretamente associada ao recurso a estratégias dominantes em situações de conflito. Tal padrão aproxima-se dos resultados de Rosequist e Kromka (2024) e Furtado et al. (2024), que relacionam os traços psicopáticos com estilos interpessoais mais coercivos, competitivos e orientados para o controlo. Assim, mais do

que a psicopatia no seu conjunto, parece ser a componente manipulativa que melhor explica a adoção de respostas dominantes.

No caso da Evitação, apenas a Insensibilidade Afetiva surgiu como preditor negativo significativo, indicando que indivíduos com maior frieza emocional tendem a evitar menos o conflito. Esta leitura é teoricamente plausível, uma vez que a menor sensibilidade emocional e empática pode reduzir o desconforto associado ao confronto, tornando estes indivíduos menos propensos ao afastamento perante situações de tensão (Burghart et al., 2024). No Compromisso, a Insensibilidade Afetiva e o Comportamento Antissocial foram preditores negativos, sugerindo menor predisposição para soluções intermédias, negociação e concessões mútuas quando predominam frieza emocional e maior orientação para a transgressão normativa. Este resultado é coerente com a ideia de que estratégias construtivas exigem regulação emocional, consideração pelo outro e capacidade de negociação, competências que podem ficar comprometidas perante traços psicopáticos mais marcados (Cunha & Leitão, 2021; Uzieblo et al., 2022).

Quanto à Anuência, o modelo apresentou capacidade explicativa muito reduzida, embora a Manipulação Interpessoal tenha surgido como preditor positivo e a Insensibilidade Afetiva como preditor negativo. Este resultado pode parecer paradoxal, mas sugere que a cedência pode assumir significados distintos consoante a dimensão psicopática em causa. Enquanto a Insensibilidade Afetiva parece diminuir a tendência para acomodar os interesses do outro, a Manipulação Interpessoal poderá associar-se a formas estratégicas de cedência, utilizadas não por preocupação genuína, mas como recurso instrumental para evitar custos, preservar vantagens ou manter controlo relacional (Sekhar & Uppal, 2023, 2024; Lin et al., 2025).

Em síntese, os resultados das regressões reforçam que as dimensões da psicopatia não predizem de forma uniforme todos os estilos de gestão de conflito. A Manipulação Interpessoal revelou-se particularmente relevante para explicar a Dominação e a menor Integração, enquanto a Insensibilidade Afetiva se destacou pela associação negativa a estilos que envolvem cedência, compromisso ou evitamento do confronto. Apesar da reduzida variância explicada em alguns modelos, os resultados apontam para um padrão consistente: os traços psicopáticos parecem dificultar estratégias cooperativas e favorecer respostas mais orientadas para o controlo, a imposição ou a menor consideração pelas necessidades do outro.

Capítulo V – Conclusão

O presente estudo procurou analisar a relação entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito em adultos da população portuguesa, contribuindo para compreender de que forma traços psicopáticos subclínicos podem influenciar o modo como os indivíduos lidam com situações de conflito interpessoal.

A relevância deste estudo torna-se particularmente evidente no contexto social atual, marcado por uma crescente fragilização das relações interpessoais, pela normalização de discursos de desrespeito e, em muitos espaços sociais e digitais, pela valorização da confrontação, da humilhação e da hostilidade. Numa época em que o individualismo, a necessidade de afirmação pessoal e a defesa rígida dos próprios interesses parecem, por vezes, sobrepor-se à escuta, à empatia e à cooperação, torna-se essencial compreender os fatores psicológicos que podem influenciar a forma como os indivíduos vivem e gerem o conflito.

Neste sentido, a presente investigação permite olhar para a psicopatia subclínica não apenas como um conjunto de traços individuais, mas como uma dimensão com impacto relacional e social. Os resultados informam que características como manipulação interpessoal, frieza emocional, impulsividade ou menor consideração pelo outro podem fragilizar a disponibilidade para a cooperação e favorecer formas de resposta mais centradas no controlo, na imposição ou na defesa do interesse próprio. Esta leitura é particularmente relevante numa sociedade em que muitos conflitos deixam de ser espaços de diálogo e passam a ser vividos como arenas de poder, competição ou ataque.

Para a Psicologia, e em particular para a Psicologia Clínica e da Saúde, este estudo reforça a importância de compreender o sofrimento e o conflito não apenas a partir do indivíduo isolado, mas também das suas formas de relação, comunicação e regulação emocional. Mais do que rotular pessoas ou patologizar conflitos quotidianos, importa identificar padrões relacionais que, quando repetidos, podem contribuir para desgaste psicológico, relações inseguras, climas interpessoais hostis e dificuldades na construção de vínculos saudáveis.

Assim, a principal contribuição desta investigação reside em mostrar que os traços psicopáticos, mesmo quando não se expressam através de criminalidade ou comportamentos antissociais evidentes, podem ter significado no quotidiano relacional.

A forma como uma pessoa gere o conflito revela aspetos importantes sobre a sua capacidade de considerar o outro, negociar limites, tolerar frustração e preservar vínculos.

Por isso, estudar a relação entre psicopatia e estilos de gestão de conflito permite aprofundar a compreensão das dinâmicas que favorecem ou dificultam a cooperação, a qualidade das relações e a construção de interações mais saudáveis, justas e humanizadas.

Para além dos resultados obtidos, a presente investigação apresenta implicações relevantes para a compreensão da psicopatia subclínica e da sua expressão nos estilos de gestão de conflito. Em primeiro lugar, reforça a pertinência de estudar a psicopatia para além dos contextos forenses ou criminais, considerando que os seus traços podem manifestar-se em adultos da população geral e influenciar a forma como os indivíduos se relacionam, lidam com divergências e respondem a situações de tensão interpessoal. Neste sentido, o estudo contribui para uma leitura mais ampla e contextualizada da psicopatia, aproximando-se das perspetivas que a conceptualizam como um construto dimensional, presente em diferentes graus na população não forense (Hare et al., 2022; Almas & Lordos, 2025).

Do ponto de vista teórico, uma das principais contribuições desta investigação prende-se com a análise diferenciada das dimensões da psicopatia. Os resultados mostram que estas dimensões não se associam de forma homogénea aos estilos de gestão de conflito, reforçando a necessidade de evitar interpretações globais ou simplificadas do construto. Em particular, a Manipulação Interpessoal revelou-se especialmente relevante na explicação da Dominação, enquanto a Insensibilidade Afetiva se associou negativamente a estilos que implicam maior cedência, compromisso ou evitamento do confronto. Esta diferenciação permite compreender melhor como diferentes componentes da psicopatia podem conduzir a formas distintas de resposta ao conflito, desde estratégias mais dominantes até uma menor predisposição para soluções cooperativas.

Ainda no plano teórico, os resultados reforçam a articulação entre personalidade e gestão de conflito. A associação entre traços psicopáticos, menor recurso à Integração e ao Compromisso e maior tendência para a Dominação é coerente com a literatura que descreve a psicopatia como marcada por frieza emocional, orientação instrumental e menor consideração pelos interesses do outro (Ten Brinke et al., 2015; Uzieblo et al., 2022; Rosequist & Kromka, 2024). Assim, este estudo contribui para aprofundar a

compreensão dos estilos de gestão de conflito enquanto padrões influenciados não apenas por fatores situacionais, mas também por características intrínsecas e relacionais.

No plano prático, os resultados podem ser úteis em contextos organizacionais, educativos, relacionais e de intervenção psicológica. A identificação de traços associados a estilos de conflito menos cooperativos pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de prevenção, formação e promoção de competências socioemocionais, sobretudo em contextos onde a comunicação, a negociação e o trabalho em equipa são fundamentais. Esta implicação é particularmente relevante em ambientes organizacionais e de liderança, nos quais padrões de manipulação, frieza emocional ou dominação podem comprometer o clima relacional, a confiança e a resolução construtiva de conflitos. Neste sentido, a promoção de competências como empatia, regulação emocional, comunicação assertiva e negociação cooperativa pode funcionar como fator protetor perante estilos de conflito mais rígidos, dominantes ou instrumentalizados.

Importa, contudo, reconhecer algumas limitações. Em primeiro lugar, destaca-se o recurso a instrumentos de autorrelato, que, embora permitam recolher dados de forma eficiente junto de uma amostra alargada, podem estar sujeitos a enviesamentos associados à desejabilidade social, à falta de introspeção ou à tendência para responder de forma socialmente aceite. Esta limitação é particularmente relevante no estudo da psicopatia, uma vez que traços como manipulação, frieza emocional ou comportamento antissocial podem ser minimizados, ocultados ou interpretados de forma distinta pelos próprios participantes.

Outra limitação prende-se com a utilização de uma amostra não probabilística, recolhida através do método snowball, o que limita a generalização dos resultados para a população portuguesa em geral. Embora a dimensão da amostra seja expressiva, a sua composição sociodemográfica não é totalmente equilibrada, verificando-se uma predominância de participantes do sexo feminino e com ensino superior, bem como grupos de menor dimensão em algumas categorias, como participantes viúvos ou com ensino básico. Esta desigualdade entre grupos poderá ter influenciado algumas comparações, pelo que os resultados devem ser interpretados com prudência.

O carácter transversal do estudo constitui também uma limitação relevante, uma vez que, apesar de terem sido identificadas associações e efeitos preditivos entre as dimensões da psicopatia e os estilos de gestão de conflito, não é possível estabelecer

relações causais nem determinar a direção temporal entre as variáveis. Assim, não se pode afirmar se os traços psicopáticos conduzem a determinados estilos de gestão de conflito ou se experiências interpessoais e contextuais podem também influenciar a forma como esses traços se expressam. Estudos futuros com desenhos longitudinais permitiriam compreender melhor a evolução destas relações ao longo do tempo.

Futuras investigações poderão ainda integrar variáveis sociodemográficas e contextuais, como sexo, idade, escolaridade, estado civil, situação profissional ou experiência de liderança, de modo a compreender se estas variáveis moderam ou explicam parcialmente a relação entre psicopatia e gestão de conflito. Seria igualmente pertinente recorrer a metodologias multimétodo, combinando autorrelato com heterorrelato, entrevistas, observação comportamental ou tarefas experimentais de interação, permitindo reduzir enviesamentos metodológicos e obter uma compreensão mais ecológica da forma como os traços psicopáticos se expressam em situações reais de conflito. Também seria relevante explorar o papel de variáveis mediadoras ou moderadoras, como empatia, regulação emocional, poder percebido, qualidade relacional ou experiências prévias de conflito.

Por fim, considerando a escassez de estudos que relacionam diretamente psicopatia e estilos de gestão de conflito, sobretudo no contexto português, futuras investigações deverão procurar replicar e aprofundar estes resultados em amostras mais diversificadas, equilibradas e representativas. A análise de diferentes contextos culturais, profissionais e relacionais poderá contribuir para uma compreensão mais abrangente da forma como as dimensões da psicopatia se articulam com os modos de gerir conflitos interpessoais.

Referências Bibliográficas

- Almas, I., & Lordos, A. (2025). A narrative review of psychopathy research: current advances and the argument for a qualitative approach. *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology*, 36(3), 1–51. <https://doi.org/10.1080/14789949.2025.2456208>
- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., text rev.). American Psychiatric Association Publishing.
- Benfante, A., Di Tella, M., Veggi, S., Freilone, F., Castelli, L., & Zara, G. (2024). Love actually: Is relationship status associated with dark triad personality traits and

attitudes towards love? *Heliyon*, 10(22), e40215.
<https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e40215>

- Brewer, G., Parkinson, M., Pickles, A., Anson, J., & Mulinder, G. (2023). Dark Triad traits and relationship dissolution. *Personality and Individual Differences*, 204, 112045. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.112045>
- Boddy, C. R. (2014). Corporate psychopaths, conflict, employee affective well-being and counterproductive work behaviour. *Journal of Business Ethics*, 121(1), 107–121. <https://doi.org/10.1007/s10551-013-1677-7>
- Burghart, M., Sahm, A. H. J., Schmidt, S., Bulla, J., & Mier, D. (2024). Understanding empathy deficits and emotion dysregulation in psychopathy: The mediating role of alexithymia. *PloS one*, 19(5), e0301085. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0301085>
- Christmann, L., Zonatto, S., Degenhart, L., & Bianchi, M. (2024). Antecedentes do conflito profissional organizacional. *Revista Pretexto*, 25(1). <https://doi.org/10.21714/pretexto.v25i1.9096>
- Cleckley, H. (1941). *The mask of sanity: An attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality*. Mosby.
- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: towards a hierarchical model. *Psychological assessment*, 13(2), 171–188.
- Cunha, R. C., Rego, A., & Cunha, M. P. (2003). *Manual de instrumentos de gestão*. RH Editora.
- Cunha, P., & Leitão, S. (2021). *Manual de gestão construtiva de conflitos* (4ª ed. rev. e aum.). Publicações Fundação Fernando Pessoa.
- Feldman, R. (2017). The Neurobiology of Human Attachments. *Trends in Cognitive Sciences*, 21(2), 80–99. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2016.11.007>
- Forth, A., Sezlik, S., Lee, S., Ritchie, M., Logan, J., & Ellingwood, H. (2021). Toxic Relationships: The Experiences and Effects of Psychopathy in Romantic Relationships. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 66(15), 1627–1658. <https://doi.org/10.1177/0306624X211049187>
- Furtado, B., Anacleto, G., Bonfá-Araujo, B., Schermer, J., & Jonason, P. (2024). Conflict in Love: An Examination of the Role of Dark Triad Traits in Romantic Relationships among Women. *Social Sciences*, 13(9), 474–474. <https://doi.org/10.3390/socsci13090474>
- Gao, Y., Schug, R. A., Huang, Y., Raine, A., Felthous, A., & Saß, H. (2020). Successful and unsuccessful psychopathy. In A. R. Felthous & H. Saß (Eds.), *The international handbook of psychopathic disorders and the law: Diagnosis and treatment* (2nd ed., Vol. 1, pp. 591–605). <https://doi.org/10.1002/9781119159322.ch26>

- Hare, R. D. (2013). *Sem consciência: O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós* (D. R. de Sales, Trad.). Artmed.
- Hare, R. D., León-Mayer, E., Salinas, J. R., Folino, J., & Neumann, C. S. (2022). Psychopathy and crimes against humanity: A conceptual and empirical examination of human rights violators. *Journal of Criminal Justice*, 81, 1–17. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2022.101901>
- Hauser, N. C., Hollerbach, P., & Habermeyer, E. (2023). Social decision-making in highly psychopathic offenders – A systematic literature review. *Aggression and Violent Behavior*, 68, 101797. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2022.101797>
- Körner, R., Schütz, A., & Bushman, B. J. (2025). Low Power and High Psychopathy: A Toxic Combination for Psychological Aggression. *Aggressive behavior*, 51(5), e70045. <https://doi.org/10.1002/ab.70045>
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151–158. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.1.151>
- Lin, Y., Qiao, Y., Ma, H., & Xie, B. (2025). When psychopathy plays nice: Self-construal moderates the relationship between psychopathic traits and prosocial behaviors. *Journal of Research in Personality*, 118, 104648. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2025.104648>
- Palmen, D. G. C., Kolthoff, E. W., & Derksen, J. J. L. (2021). The need for domination in psychopathic leadership: A clarification for the estimated high prevalence of psychopathic leaders. *Aggression and Violent Behavior*, 61, 101650. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2021.101650>
- Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2009). *Manual for the Self-Report Psychopathy Scale*. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Pinto, A. M., Cruz, A. R., Sousa, C., & Cunha, O. (2025). Psychopathy in Community: Social Status, Professional Occupation, and Antisocial Behavior. *European Journal on Criminal Policy and Research*. <https://doi.org/10.1007/s10610-025-09623-2>
- Pinto-Moreira, P. (2021). Conflict management styles with peers at work: Gender and levels of education differences. *Journal of EU Research in Business*, 2021, Article 427135. <https://doi.org/10.5171/2021.427135>
- Pires, S. F. S. (2022). Aptos para serem antiéticos: A psicopatia funcional nas organizações. *Revista Contemporânea*, 2(4), 106–121. <https://doi.org/10.56083/rcv2n4-007>
- Rahim, M., & Bonoma, T. V. (1979). Managing organizational conflict: A model for diagnosis and intervention. *Psychological Reports*, 44, 1323–1344.
- Rahim, M. A. (2003). *Rahim organizational conflict inventories – Experimental edition*. Consulting Psychologists Press.

- Cesar, I. R. de M., & Lopes, R. F. de S. (2024). Psicopatas no mundo corporativo: Um estudo sobre as características e consequências de sua presença no ambiente de trabalho. *International Journal of Professional Business Review*, 9(10), e04982. <https://doi.org/10.26668/businessreview/2024.v9i10.4982>
- Rose, L., Carter, N. T., Lynam, D. R., Miller, J. D., & Oltmanns, T. F. (2025). Validity, Stability, and Change in Psychopathic Traits in Older Adults: A Registered Report. *Clinical Psychological Science*, 13(3), 664–679. <https://doi.org/10.1177/21677026241298273>
- Rosequist, R., & Kromka, S. (2024). The dark side of conflict: The relationships between Dark Tetrad personality traits and conflict management styles. *Imagination, Cognition and Personality*, 42(4), 368–398. <https://doi.org/10.1177/02762366241281253>
- Sá, P., Costa, A. P., & Moreira, A. (Coords.). (2021). *Reflexões em torno de metodologias de investigação: Vol. 2, Recolha de dados*. Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/30772>
- Sekhar, S., & Uppal, N. (2023). Who exploits? The trusted one, the dark one, or both? *Personality and Individual Differences*, 206, 112113. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2023.112113>
- Sekhar, S., & Uppal, N. (2024). When the dark one negotiates: Sacrificing relations at the altar of money. *Personality and Individual Differences*, 230, 112790. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2024.112790>
- Sousa, B., Fonseca, A., Man, J., Oliveira, M., Barreto, M., & Carvalho, F. (2017). Escala de autoavaliação da psicopatia (SRP-III). In R. Simões, S. Almeida, & M. Gonçalves (Eds.), *Psicologia forense: Instrumentos de avaliação* (pp. 69–85). Pactor.
- Spormann, S. S., Mokros, A., & Schneider, S. (2023). Structural differences in psychopathy between women and men: a latent modeling perspective. *Forensische Psychiatrie, Psychologie, Kriminologie*, 17. <https://doi.org/10.1007/s11757-023-00765-9>
- Stephan, B., Lechner, D., Stockkamp, M., Hudecek, M. F. C., Frey, D., & Lermer, E. (2023). Where a psychopathic personality matters at work: a cross-industry study of the relation of dark triad and psychological capital. *BMC psychology*, 11(1), 236. <https://doi.org/10.1186/s40359-023-01266-4>
- Sutton, A., & Stapleton, M. (2023). When it's not safe to be me: employee authenticity mediates the effect of perceived manager psychopathy on employee well-being. *BMC psychology*, 11(1), 321. <https://doi.org/10.1186/s40359-023-01333-w>
- ten Brinke, L., Black, P. J., Porter, S., & Carney, D. R. (2015). Psychopathic personality traits predict competitive wins and cooperative losses in negotiation. *Personality*

and Individual Differences, 79, 116–122. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.02.001>

- Uzieblo, K., Decuyper, M., Bijttebier, P., & Verhofstadt, L. (2022). When the Partner's Reality Bites: Associations Between Self- and Partner Ratings of Psychopathic Traits, Relationship Quality and Conflict Tactics. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 66(15), 1659–1681. <https://doi.org/10.1177/0306624X221086560>
- Yang, Z., Guo, R., Li, W., Meng, W., Shi, Y., Li, A., Hoffman, M., & Yang, Q. (2025). Psychopathic traits predict reduced social punishment: Evidence from a large-sample survey and an experimental study. *Journal of Research in Personality*, 115, 104588. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2025.104588>